



ISPA | Instituto Superior de Psicologia Aplicada

“Sentir a diferença no seio da semelhança”

Um estudo sobre a relação na gemelaridade

Susana Isabel Pires Bicho

Orientador de Dissertação:

Professor Doutor António Mendes Pedro

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professor Doutor António Mendes Pedro

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

2010

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Dr. António Mendes Pedro, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da Republica 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

A concretização deste projecto resulta da contribuição de forma directa ou indirecta de algumas pessoas. Aproveito esta oportunidade para lhes expressar o meu sincero agradecimento.

Em primeiro lugar, e de forma muito particular, agradeço aos meus pais pela possibilidade de concretizar mais um objectivo na minha vida. Pelo apoio e incentivo que me continuam a dar na realização de novos projectos.

Ao Professor Mendes Pedro pela sua disponibilidade e pelos espaços de partilha criados no Seminário de Dissertação.

Aos pais e seus bebês que aceitaram colaborar neste estudo e que me abriram as portas tanto da sua casa, com do seu mundo, um obrigado muito especial, já que sem os mesmos nada teria sido possível.

À Carina , à Filipa e ao Pedro, incansáveis no seu auxílio, o meu obrigado por terem estado presentes neste projecto.

“Porque hà gente que fica na vida e na história da gente”, um obrigado a vocês: Sara Zorro, Filipa Dias e Filipe Marques.

À Ana e à Elsa pelo apoio ao longo de todos estes anos e por me fazerem nunca desistir, o meu obrigado.

Ao Gonçalo, ao Rui e à Joana por terem sido essências na escolha do tema, à Sara, à Marta e à Pipa e ao Pedro pelas suas contribuições, muito obrigado.

Aos colegas que ao longo do ano me foram dando as suas opiniões e críticas sempre de uma forma tão construtiva.

NOME: SUSANA ISABEL PIRES BICHO

Nº ALUNO: 12984

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

PSICOLOGIA CLÍNICA

ANO LECTIVO 2008/2009

ORIENTADOR: PROF. DR. ANTÓNIO MENDES PEDRO

DATA: JANEIRO 2010

“SENTIR A DIFERENÇA NO SEIO DA SEMELHANÇA” - UM ESTUDO SOBRE A
RELAÇÃO NA GEMELARIDADE

RESUMO

O presente estudo teve como objectivo investigar o desenvolvimento emocional e o estabelecimento das primeiras relações de irmãos gémeos. Foi realizado um estudo de caso único, sendo utilizado o Método de Observação de Esther Bick, em dez observações, do terceiro ao oitavo mês. A observação organizou-se essencialmente em dois eixos: o da relação e o das aquisições dos dois bebés. Interessa perceber como estes eixos se influenciam e como o papel da mãe e das figuras de referência são essenciais na sua regulação.

As observações permitiram-nos perceber que, um início de maternidade conturbado, uma insegurança devido à primiparidade e um discrepância entre o bebé real e o bebé imaginário, podem levar a uma desadequação na interacção desta mãe com os seus filhos. Nomeadamente na interacção com a gémea do sexo feminino, que parece menos estimulada por parte da mãe, procurando o outro como forma de conter as suas necessidades. Pelo medo de ser um espectador na relação com os seus filhos, a mãe acaba por parasitar a relação dos mesmos, fazendo com que existam muitas oportunidades de interacção e que consequentemente não se estabeleça a relação desejada entre irmãos gémeos.

O método escolhido auxilia-nos no entendimento aprofundado destas fases iniciais do desenvolvimento, de forma intensiva e detalhada, e acredita-se que a aplicação do Método de Esther Bick, em pesquisa, possa colaborar para conhecer melhor a realidade das famílias com filhos gémeos, e não só, como forma de propor intervenções e a prevenir psicopatologias futuras.

Palavras-chave: Gémeos, Relação, Método Esther Bick

NOME: SUSANA ISABEL PIRES BICHO

Nº ALUNO: 12984

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

PSICOLOGIA CLÍNICA

ANO LECTIVO 2008/2009

ORIENTADOR: PROF. DR. ANTÓNIO MENDES PEDRO

DATA: DEZEMBRO 2009

FEELING THE DIFFERENCE AMONG SIMILARITY – A STUDY OF TWIN
RELATIONSHIP

ABSTRACT

The present work has the objective of better understanding the emotional development and first relations establishment in twin brothers. The single case study was realized using the Esther Bick Observation Method and was composed by ten observations between the 3rd and 8th months.

The observations were organized according to two distinct axis: the relations created between the twins and their developmental acquisitions. The intent was to understand how both axis influence each other and how the maternal and other significant figures contribute to their regulation and development.

The observations allowed us to realize that a disturbed early motherhood, the insecurity of a first born, the discrepancy between the child and the mother's may lead to inadequacy in mother – son relationship, specially the interaction with the female twin, who seems less stimulated by the looking towards other figures as way to contain her needs. The fear of being left out of the relationship between twins drives the mother to interfere in it, in a harmful way and, subsequently, to prevent it from developing healthy.

The chosen method allows us a deeper understanding of these early development stages, in a intensive and detailed way, and it's our believe that its use in this research contributes, not only, to a better knowledgement of families with twins, but also to the creation of psychopathology preventive measures.

Key-words: Twins, Relationship, Esther Bick Observation Method

Os bebés possuem essa característica extraordinária de serem capazes de nos instruir acerca deles próprios e de nós mesmos, e é através de um outro olhar, mais atento, mais disponível, menos preconceituoso e mais sensível que os temos descoberto, ao seu mundo e às suas modalidades de relação (Nuno Reis, cit. in. Sá, 2003, p.15).

ÍNDICE

1. Introdução	2
2. Biologia da Gemelaridade	3
3. Gravidez na Gemelaridade	5
4. O Bebê	8
5. Vinculação	16
6. Metodologia.....	22
6.1. Participantes	22
6.1.a. Selecção dos Participantes.....	22
6.1.b. Caracterização dos Participantes.....	22
6.2. Instrumentos	23
6.2.a. Entrevista de Pesquisa	23
6.2.b. Método Esther Bick.....	23
6.3 Procedimento.....	24
7. Descrição e Análise Interpretativa das Observações	26
7.1. Descrição das Observações.....	26
7. 2. Análise Interpretativa das Observações.....	42
8. Considerações finais	49
9. Referências bibliográficas	52
10. Anexos	60
Anexo A – Carta de consentimento informado.....	61
Anexo B – Entrevista de Pesquisa.....	65
Anexo C – Agendamento das sessões	66
Anexo D – Grelha de Observação.....	67

1 – INTRODUÇÃO

Tudo começa em casa, ou, por assim dizer, é na família, tenha ela a configuração que tiver, que o desenvolvimento do ser humano começa. (...) o ser humano é, entre todos, aquele que mais necessita dos outros, pelo menos nos primeiros anos de vida.

(Otília Fernandes, 2002, p. 17)

O primeiro mundo da criança é a família, o seio dos primeiros amores e dos primeiros ódios, a plataforma das primeiras aprendizagens, enfim, o início de uma viagem pela formação da personalidade. Estas primeiras experiências determinarão a grande maioria dos nossos estilos relacionais posteriores, daí que possamos assumir que este é o mundo mais significativo para todos nós (Fernandes, 2002). Para Bayle (2006), a vivência infantil é fundamental para a estruturação da personalidade, sendo considerada como o período em que se instalam os alicerces, as fundações básicas do indivíduo, dando-lhes as bases seguras para a sua vida adulta.

“O ambiente não faz a criança. No entanto, ele capacita a criança a realizar o seu potencial” (Grolnick, 1993, p.62). Desta forma, o ambiente é fundamental no desenvolvimento infantil e a criança vai enfrentando esse desenvolvimento de uma forma progressiva, passando por vários processos.

Brazelton (1988) diz-nos que o bebé é capaz de enviar sinais para o seu meio, esperando receber uma resposta, iniciando-se esta comunicação desde muito cedo. Como diria Bowlby (1989), a criança nasce com uma necessidade social primária, sendo a mãe vista, pela grande maioria, como ambiente facilitador no início do desenvolvimento infantil (Winnicott, 1983).

No presente estudo, a escolha da observação como forma de colecta de dados, teve por base a potencialidade da aplicação do Método de Esther Bick em pesquisa. Oferecendo-nos a possibilidade de descobrir como se originam as relações mais precoces da criança com o seu meio. Juntou-se a esta questão a especificidade de se observarem em vez de um único bebé, dois bebés gémeos em relação. Parece-nos curioso entender como se processa a prestação dos primeiros cuidados a estes dois bebés e como eles vão, progressivamente, se desenvolvendo e se envolvendo.

2 – BIOLOGIA DA GEMELARIDADE

*As duas partes de uma maçã partida ao meio
não são mais gémeas do que estas duas criaturas.*

(in Noite de Reis, William Shakespeare)

A palavra gémeos significa “dois juntos”, duas crianças geradas em conjunto.

Existem dois tipos de gémeos diferentes: os gémeos idênticos, denominados como monozigóticos e os gémeos fraternos, denominados como dizigóticos. Bryan (2003) refere que os gémeos idênticos partilham os mesmos genes, o que quer dizer que partilham também os mesmos cromossomas sexuais, logo, serão sempre do mesmo género, salvo em raríssimas excepções. Esta similaridade advém do facto de estes gémeos serem o resultado da divisão em duas partes de um óvulo normal fertilizado (uniovulares), sendo que cada uma das metades dá origem a um indivíduo separado. De acordo com a mesma autora, estes gémeos podem estar numa placenta única, com dois sacos amnióticos ou num único saco, isto acontece em dois terços dos gémeos idênticos. O outro terço e todos os gémeos fraternos estarão em duas placentas distintas, esta divisão acontece quando o óvulo se divide muito cedo, não permitindo que a placenta já se tenha começado a formar. Neste tipo de gémeos podemos ainda introduzir os gémeos siameses, que se formam quando a divisão do óvulo não se dá até ao décimo quarto dia de fertilização, podendo nunca se dar uma separação completa. Estes indivíduos partilham as mesmas características físicas; como a cor do cabelo e a cor dos olhos, podendo contudo ter estatura e aparência distinta tendo em conta o tipo de alimentação quer durante quer após a gravidez.

Os gémeos fraternos formam-se quando a mãe produz dois óvulos e ambos são fertilizados. Ainda que sejam concebidos no mesmo ciclo menstrual, a fertilização pode ocorrer na mesma altura, ou em alturas distintas, uma vez que a mulher permanece fértil durante vários dias em cada ciclo, este acontecimento é denominado de *superfecundação*. Estes gémeos são tão parecidos, como quaisquer outros irmãos (Bryan, 2003).

Bryan (2003), fala-nos ainda, de um terceiro tipo de gémeos, os “meio idênticos”, que se geram quando a divisão do óvulo ocorre antes da fertilização e cada metade é fertilizada por um espermatozóide diferente.

O número de gémeos monozigóticos tem-se mantido estável ao longo do tempo e do mundo, sendo aproximadamente quatro pares por mil, quanto aos gémeos dizigóticos, os números variam bastante, sofrendo a influência de aspectos individuais, história familiar e raça. Existem na nossa população, 2/3 de gestações dizigóticas para 1/3 de gestações monozigóticas, ainda que estes dados não sejam estudados de uma forma sistemática. (Paulino, 2001)

Na realidade são concebidos muitos mais gémeos do que aqueles que chegam efectivamente a nascer, podemos dizer com algumas certezas que sensivelmente metade das gravidezes que se iniciam como gemelares acabam com o nascimento de um único bebé. Não existe uma explicação para o «fenómeno gémeos», todas as que existem na literatura parecem um pouco infundadas.

Sabe-se que é mais provável que um casal tenha gémeos no início da sua relação, sendo que em condições normais o número de vezes que têm relações sexuais é maior. Para além desta explicação, existe ainda a influência do factor raça; sabe-se que as mulheres de raças negras têm maior probabilidade de ter filhos gémeos em detrimento, por exemplo, das mulheres de raças orientais. Os estudos que foram realizados falam da existência de um nível mais elevado da hormona gonadotropina, nas mulheres de raça negra. Esta hormona produzida pela glândula pituitária, tem como função estimular os ovários para que estes amadureçam os óvulos e os libertem para as Trompas de Falópio. A presença de níveis elevados de gonadotropina torna então mais provável a libertação de um segundo óvulo (Bryan, 2003).

Bryan (2003) refere outros estudos que nos falam de uma incidência genética, sendo que, se for recorrente na família as mulheres terem gémeos, poderá haver uma predisposição genética para que tal aconteça. Sabe-se, também, que os genes paternos têm pouca, ou nenhuma, incidência sobre a probabilidade de virem a gerar gémeos.

Obviamente não se pode esquecer, que o número de gémeos, também, teve um aumento significativo em virtude da cada vez maior utilização dos tratamentos contra a infertilidade, inclusivamente em Portugal (Bryan, 2003).

3 – GRAVIDEZ NA GEMELARIDADE

“De onde vim eu, onde é que tu me encontraste?

*Em resposta: Tu estavas como um desejo escondido no meu coração;
eras a boneca com que eu brincava em criança”*

(Sátya Sousa, 2006, p. 29)

Segundo Colman (1991), a gravidez pode ser encarada como um período de crise, uma vez que pressupõe um equilíbrio entre experiências positivas e negativas, entre expansão e regressão. A gravidez é encarada como um período de transição que caracteriza o desenvolvimento normal da mulher e que implica uma reestruturação e um reajustamento em várias dimensões: mudança de identidade e nova definição de papéis (Maldonado, 1997).

A gravidez, enquanto transição, permite à futura mãe a possibilidade de atingir novos níveis de integração, amadurecimento e expansão da personalidade, ou então, adotar uma solução patológica que predominará na relação com a criança (Honrado, 1991).

Uma rede de expectativas particulares, sentimentos, esperanças e fantasias começa então a ser tecida desde que o diagnóstico de gravidez gemelar é transmitido à mãe. Após a transmissão desta notícia e a par do primeiro encontro com os gémeos reais no monitor (através da ecografia), a mãe pode começar a relacionar-se com os seus bebés. Segundo Boyer e Porret (1987), o exame ecográfico irá relançar um processo imaginário a partir dos traços enunciados sobre o bebé real.

A gravidez de uma mãe que espera dois, três ou mais bebés, parece ser diferente da gravidez de uma mãe que espera um único bebé. Burlingham (1946), considera que a mãe, antes de dar à luz, tem determinada atitude em relação aos gémeos resultante da sua própria experiência de vida: a futura mãe pode ter tido gémeos na sua família, ou até, já ter fantasiado acerca de uma possível gestação gemelar. Estes factores irão certamente influenciar o seu pensamento e determinar o seu próprio comportamento, em relação a cada um dos seus gémeos.

A notícia de uma gravidez gemelar tem sempre um grande impacto para os pais, podendo numa fase inicial ser mesmo um grande choque e promover um misto de emoções. Na maioria das vezes os pais não se sentem preparados, nem do ponto de vista prático, nem do ponto de vista emocional. Tal como o corpo materno não está bem adaptado para a tarefa

de carregar dois fetos, também a atenção e os cuidados maternos ficam mal divididos entre dois bebês. Principalmente para as mães, que desde o início começaram a amar e relacionar-se com uma só criança, é difícil gerir as emoções de ter que vir a amar duas. Muitas delas sentem que não serão capazes, o que se se pensar num sentido lato não é assim tão estranho, pois ninguém espera apaixonar-se por duas pessoas ao mesmo tempo. É precisamente este, o desafio que espera os pais de gémeos, porque nem sempre é simples e “natural” amar os próprios filhos. Os bebês podem ter temperamentos muito distintos e, por consequência, pode existir um que se assemelha mais ao temperamento da mãe (Piontelli, 2002).

Estas diferenças de personalidade revelam-se muito cedo, até mesmo na maternidade, o que leva a crer que podem advir das experiências *in útero*. Através das ecografias consegue entender-se um pouco de como se dá a relação destes dois seres que partilham o mesmo espaço. Existem comportamentos de harmonia, como carícias e toques, mas existem também comportamentos de disputa e rivalidade, como pontapés e muros (Bryan, 2003).

No que diz respeito ao decorrer da gravidez, a maior diferença, talvez seja, o aparato que se gera em torno da mãe e dos bebês. A ideia de «família instantânea», ou seja, eram apenas dois e passam a ser quatro (Honrado, 2001), parece ser irresistível para o «público», assemelhando-se a uma história de revista, vários bebês ao colo da mãe, vários conjuntos de roupa, vários berços, etc. Contudo, a gravidez e o nascimento de gémeos é muito mais que isso, com toda a certeza.

Para a mãe esta é uma gravidez muito cansativa devido ao peso extra, necessitando de um maior descanso. É muito frequente que os bebês estejam em posições ditas insólitas aquando do nascimento, sendo comum recorrer-se à cesariana, ainda que, continue a ser mais comum o nascimento por via vaginal. As grávidas de gémeos dizem, muitas vezes, que parece tratar-se de uma gravidez mais prolongada. Realmente as grávidas de gémeos, dão conta da sua gravidez mais cedo, e claro que todas as gravidezes têm as suas restrições, a diferença é que, numa gravidez de gémeos, estas aparecem mais cedo. Mas, se uma gravidez gemelar tem uma duração média de 37 semanas e no caso de gémeos idênticos, pode ser ainda menor, a uma gravidez de um só bebé dura cerca de 40 semanas (Bryan, 2003).

Por se tratar de uma gravidez com mais de um feto, está normalmente associada a uma maior percentagem de complicações maternas, bem como a uma elevada taxa de mortalidade e morbidade perinatal (Simões, Alegria & Sousa, 1996).

De acordo com Dias, Braga e Jorge (1996), as principais complicações de uma gravidez múltipla são: *parto pré-termo espontâneo e ruptura prematura de membranas pré-termo; pré-eclampsia; atraso de crescimento intra-uterino, malformações fetais, morte fetal de um dos gêmeos; complicações intraparto; complicações pós-parto e risco de paralisia cerebral*. Os mesmos autores defendem que “embora cada grávida tenha que ser avaliada na sua especificidade, a estratégia obstétrica em termos gerais deve ser delineada de forma a prevenir ou minimizar fundamentalmente o risco de parto pré-termo espontâneo, da rotura prematura de membranas pré-termo, da pré-eclampsia e do atraso de crescimento intra-uterino” (Dias, Braga & Jorge, 1996, p.35).

Numa situação de gravidez de gêmeos, os momentos são partilhados com duas crianças, sentindo a mãe uma responsabilidade adicional. Parece apesar de tudo, que estas mães só têm uma percepção real do verdadeiro comprometimento nesta tarefa quando os bebés nascem. Mortimer (1998) refere, a partir de alguns dos seus estudos, que estas mães referem a existência de problemas emocionais em relação a elas próprias e aos seus filhos, dizendo não ter conhecimento de que tudo seria assim. Parece que os pais possuem uma visão idealizada e optimista acerca da gravidez gemelar, não reconhecendo, nem antecipando os problemas, tanto ao nível físico, como emocional, como financeiro.

É importante que desde a gravidez a mãe estabeleça a diferenciação entre si e o feto, para que na altura do nascimento, esteja preparada para enfrentar a separação física e adaptar-se ao bebé, estabelecendo uma nova relação e acomodando as suas fantasias e necessidades às do bebé (Sá & Cunha, 1996).

Para criar uma relação saudável com o bebé, é importante que a mãe o reconheça como ser independente e separado de si própria, com necessidades próprias, as quais deve responder e satisfazer de forma adequada (Honrado, 2001). A mesma autora refere que, na situação de gravidez gemelar, a diferenciação do feto parece assumir uma maior relevância, uma vez que existe não só a necessidade de diferenciação entre a mãe e os bebés, mas também é necessário que ocorra a diferenciação entre os dois bebés, sendo reconhecidos na sua própria individualidade.

4 – O BEBÉ

Quando nascem, os bebés possuem um conjunto de capacidades que os tornam particularmente predispostos para aprenderem através das relações que estabelecem. Essas capacidades resultam de uma série de processos de maturação que ocorrem durante a gravidez, que se prolongam para a aventura que é viver.

(Eduardo Sá, 2003a, p. 15)

Os primeiros tempos de vida são fundamentais para o desenvolvimento, o relacionamento precoce activo com o ambiente, permite ao potencial do ser humano uma actualização de uma forma única e original (Reis, 2003).

Winnicott (1971) demonstrou, que o bebé só pode ser entendido no contexto da relação, insistindo na presença de um outro significativo que cuida e que ama, e não na sua existência singular: “não se pode fazer uma descrição do desenvolvimento emocional do indivíduo inteiramente em termos de indivíduo, mas considerando que (...) o comportamento do ambiente faz parte do próprio desenvolvimento pessoal do indivíduo e, portanto, tem de ser incluído” (Winnicott, 1971, p.79).

Sá (2003a, p.16) acrescenta que “ (...) o comportamento do bebé só pode ser entendido no contexto da relação com as mães, ou mais correctamente com as mães e com os pais. O que nos parece reforçar a ideia de que, aquilo a que chamamos bebé não existe, porque quando procuramos descrever um bebé temos que o descrever com mais alguém (Winnicott, 1991). Uma mãe e um pai, sozinhos, também não existem: há sempre um bebé que os investe e os torna pais (Ciccone & Lhopital, 1991)”.

Tendo em conta esta matriz relacional, Winnicott (1975) descreve um estado mental nas mães, que surge nos últimos períodos da gravidez e que se prolonga aos primeiros meses de vida do bebé. Esta condição psicológica, foi denominada pelo autor como *preocupação materna primária*, sendo caracterizada pela capacidade da mãe ser: responsiva e adaptativa, dotada de uma sensibilidade exacta e profunda, relativamente aos gestos e solicitações do bebé, estando presente e disponível para satisfazer as suas necessidades retirando, também, prazer desta troca crucial.

Kohut (1971) refere que Winnicott considera que a evolução emocional da criança se devolve em três estágios: dependência absoluta, dependência relativa e rumo à independência.

Winnicott chama, a atenção para o facto de o bebé não ser um passivo no decorrer desta primeira fase, contudo, o seu aparelho rudimentar apenas pode evoluir e complexificar-se, se as condições relacionais forem favoráveis à transformação e à aprendizagem (Balint, 1997; Bion, 1991; Fairbain, 1991; Winnicott, 1990 cit. in Sá, 2003a). O bebé está dependente mas “não está inerte: os cuidados não se dirigem a uma tábua rasa” (Lourenço, 2005, p.32). Desta forma, a organização que o bebé faz da sua experiência tem por base a junção destes factores, com a sua mãe ou com um outro significante, que dê sentido à sua existência. Estes vão organizando os fragmentos que se encontram num estado de dispersão e confusão. Caso contrário, “um bebé que não tenha tido uma pessoa para reunir os seus pedaços começa a sua tarefa auto-integradora numa situação de desvantagem” (Winnicott, 1945 cit. in Greenberg & Mitchell, 2003, p.231).

Winnicott (1960b) menciona que este estado de dedicação, que permite a condição integrativa à criança, é executado pela participação de uma *mãe suficientemente boa* – “não será a mãe perfeita, mas aquela que, assumindo as suas limitações, funciona de forma empática na sua relação com o bebé” (Sá, 1995 cit. in 2003a, p.19). Esta mãe responde satisfatoriamente no momento certo, devendo assumir uma postura de espelho para que, o bebé saboreie e integre o sentimento de existência, o sentimento de segurança e de domínio, e observe o seu reflexo, investindo, por conseguinte, na construção da sua identidade – quando *eu olho, sou visto, logo existo* (Winnicott, 1967, p.157).

Segundo Sá (2003b, p.126), “O self reconhece-se, essencialmente nos olhos e na expressão facial da mãe e no espelho que pode vir a representar o rosto da mãe”. A construção deste *self* está intrínseco ao conjunto de funções proporcionadas pela *mãe suficientemente boa* com *preocupação maternal primária* (Winnicott, 1960 cit. in Greenberg & Mitchell, 2003, p.236).

O meio envolvente deve, desta forma, proporcionar o *holding* e desenvolver o *handling*, através da *presença do objecto* (Kohut, 1971). A função de *holding*, assume uma importância primordial porque sustem o bebé de um modo físico e psicológico, num ambiente protector e favorável ao desenvolvimento, favorecendo, por sua vez, a integração, uma vez que a segurança e a contenção oferecida pela mãe possibilita o sentimento de continuidade ao bebé (Winnicott, 1960b). O *handling* está associado à manipulação do corpo do bebé através dos cuidados básicos, favorecendo a personalização, uma vez que dá “o sentimento ao bebé

que existe no interior de um corpo” (Sá, 2003b, p.121), permitindo que se “sinta uma pessoa: eu funda-se sobre um, eu-corporal” (Lourenço, 2005, p.33).

Na presença de uma falha *de adaptação gradual da mãe* (Winnicott, 1949 cit. in Greenberg & Mitchell, 2003, p.233), isto é “quando a adaptação da mãe às necessidades do pequeno ser começa a evidenciar irregularidades” (Lourenço, 2005, p.64) ou, quando há uma recuperação gradual da preocupação maternal primária, entra-se no domínio da segunda fase de desenvolvimento denominada, como já referido, por dependência relativa (Winnicott 1960a).

Winnicott (1958), no seu artigo «The capacity to be alone», defende que o desenvolvimento emocional e a maturação é adquirida através da criação de um espaço de solidão na presença da mãe. É apenas quando está só (o que é o mesmo que dizer, na presença de alguém), que a criança pode descobrir a sua própria vida pessoal (Winnicott, 1958 cit. in Greenberg & Mitchell, 2003). Em suma, a mãe deve possuir a capacidade de manter uma distância óptima ou de proporcionar uma distância adequada quando o bebé não está a exigir a sua presença, conferindo-lhe uma autonomia favorável para que este faça frente às suas frustrações e permitindo a renúncia à onipotência inicial. A vivência do estar sozinho é essencial para a construção de um “Eu” estável e verdadeiro.

Este estágio do desenvolvimento que vai de encontro à posição a que Klein (1986 cit. in Segal 1975) denominou como posição depressiva, mas que, por Winnicott (1960a) foi denominado de rumo à independência. Neste estágio, a criança desenvolve meios para viver de uma forma menos exigente da presença da mãe, relativamente às fases iniciais. Isto é possível devido à acumulação de memórias de experiências de afecto e do desenvolvimento do sentimento de confiança que o meio envolvente lhe proporcionou (Winnicott, 1960a).

Parece claro que, num primeiro momento, o objecto e o bebé estão fundidos, isto é, ele anseia a “presença” (mais do que a presença, uma constância) da mãe que se orienta para o que é solicitado, afirmando a sua onipotência e evitando a experiência dissociativa. Podemos dizer que esta fase de Winnicott (1960a), se aproxima da fase que Margaret Mahler denominou de *fase simbiótica normal* – “(...) é a partir da fase simbiótica de unidade dual mãe-bebé, que derivam aqueles precursores experienciais do começo do individuo, os quais, em conjunto com factores constitucionais inatos, determinam cada arranjo psicológico e somático único de cada individuo” (Mahler, 1963 cit. in Greenber & Mitchell, 2003, p. 349).

Estando esta adaptação quase completa, as necessidades do bebê vão decrescendo, fazendo com que este passe de uma posição narcísica, para uma atitude objectal, assumindo o outro como diferente de si. Esta passagem permite a preparação para que a criança se torne cada vez mais independente, esta terceira fase é, também, similar à última de Mahler (1963), designada por *separação-individuação* – “o bebê normal é dotado de um dom inato que o impele, num certo momento da sua maturação autónoma, a separar-se da mãe – para progredir na sua própria individuação” (Mahler, 1963 cit. in Greenber & Mitchell, 2003, p.348).

Todo este processo ajuda o bebê a perceber a diferença entre ele, a mãe e os outros, entendendo a mãe como uma figura separada, o pai como uma figura diferenciada e os outros como seres distintos dele próprio. Permite-lhe a consciência da separação, possibilitando a criação de um espaço, que não é de um, nem de outro. Um espaço entre a realidade e a fantasia (Winnicott, 1951, Ogden, 1985). Este espaço, é denominado por Winnicott, como *o espaço transicional* (Winnicott, 1951), *espaço potencial* (Ogden, 1985) ou *espaço intermédio* (Sá, 2003b).

“Introduzi os termos (...) para designar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objectos, entre a criatividade primária e a projecção do que já foi introjectado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta” (Winnicott, 1951, p.14). O objecto transitivo assume, desta forma, extrema relevância, sinalizando a transição de um estado simbiótico com a mãe (ilusão) até um estado em que o bebê está em relação com esta, mas como objecto externo e diferenciado. O objecto transicional ajuda na facilitação e ajustamento dessas interacções, de modo a que possam ser adquiridas capacidades internalizadas menos conflituantes e mais confiáveis, associadas à protecção e aos cuidados (Grolnick, 1993).

Klein (1986, cit. in Segal 1975), diz que o bebê é dotado de um *Ego* primitivo, que lhe permite experimentar ansiedade, usar mecanismos de defesa e formar relações de objecto primitivas na fantasia e na realidade, sugerindo um grau de organização do ego mais elevado do que o suposto por Freud (Segal, 1975). À semelhança de Klein (1986, cit. in Segal, 1975), Bion (1963) defende que a criança apresenta um *Ego* primitivo, nascendo com a necessidade de contar com um objecto externo para descarregar as suas angústias, especialmente as causadas por fantasias persecutórias. Entende que o bebê possui um aparelho imaturo e que, por isso, tem uma necessidade irredutível da mãe, estabelecendo com ela uma identificação

projectiva que para Bion (1963), e outros autores, é saudável e promotora de crescimento psíquico (Lourenço, 2005).

No início da sua existência, o bebé não possui pensamentos propriamente ditos, apenas pré-concepções que projecta na mãe. A mãe tem a função de metabolizar os elementos sem significado (elementos beta) em elementos pensáveis (elementos alfa), cumprindo então a função alfa ao conceder uma resposta adequada aos sinais de tensão interior manifestados pelo bebé. A receptividade da mãe relativamente às projecções do bebé, revê-se numa relação de *continente-conteúdo*, em que a mãe se torna continente do que é projectado, recebendo as angústias e processando-as (Bleichmar & Bleichmar, 1992). Assim, para Bion (1963), a mãe terá a função de compreender os conteúdos emocionais do bebé (função continente) e por sua vez, transformá-los, para que possam ser assimilados e integrados (função conteúdo).

Esta noção de *continente* de Bion (1963), parece ser muito semelhante à noção de *holding* de Winnicott (referida anteriormente), contudo elas são distintas, uma vez que, no que diz respeito ao *continente*, falamos numa acção favorável ao desenvolvimento e o *holding* é tido como um promotor do desenvolvimento (Sá, 2003a). O autor define esta função organizadora como *reverie materna*, sendo a mesma, a expressão do amor materno. Um estado psicológico de amor e de compreensão que permitirá ao bebé, aprender a tolerar a frustração e a desenvolver o sentido de realidade. (Bion, 1991, cit. in Sá, 2003a)

Stern (1995) refere-se ao termo *constelação materna*, demonstrando que, ao longo da gravidez, a mãe elabora a representação do bebé (bebé imaginário), o que facilita o envolvimento afectivo ou *bonding*, e a interacção adequada com a criança a seguir do parto. A representação que a mãe constrói do bebé torna-se mais definida a partir do 4º mês, em especial quando sente movimentos fetais, e culmina no 7º mês de gestação, altura em que se torna menos delimitada com o objectivo da melhor aceitação das características do bebé real. A mãe, também, elabora uma representação de si enquanto mãe, que será construída ao longo da gravidez e que é influenciada pela relação que teve com os pais no passado.

Klaus e Kennell (1976) introduziram o termo *bonding* para dar conta de um vínculo único, específico e duradouro, que se estabelece desde os primeiros contactos entre a mãe e o bebé, na dependência do equipamento hormonal materno. Stern (1995) e Klaus, Kennell e Klaus (2000), entre outros, consideram que o investimento emocional dos pais é um elemento decisivo na qualidade dos cuidados e da interacção que dão ao bebé e, conseqüentemente, um factor determinante no desenvolvimento e bem-estar da criança.

Para a compreensão do desenvolvimento precoce da criança, Esther Bick (1967) preconiza o reconhecimento da função primária desempenhada pela pele do bebé e dos seus objectos primários, na união mais primitiva de partes da personalidade ainda não diferenciadas em relação ao corpo. Segundo a autora, na forma mais primitiva do desenvolvimento, as partes da personalidade são sentidas como não tendo nenhuma força de ligação entre si e, portanto, devem manter-se unidas com a pele funcionando como limite. No entanto, esta função interna de conter as partes do *self*, depende inicialmente da introjecção de um objecto externo sentido como capaz de cumprir essa função.

Mais tarde, a identificação com esta função do objecto substitui o estado não-integrado, dando origem à fantasia de espaços internos e externos. Só assim estão estabelecidas as condições para a operação da clivagem e idealização do objecto descritas por Klein (1986, cit. in Segal, 1975). Desta forma, no estado não integrado infantil, a necessidade de um objecto continente gera a busca objectal que permite a vivência de manter unidas as partes da personalidade. O objecto óptimo é o mamilo na boca, juntamente com a mãe que segura a criança, fala com ela e tem um cheiro familiar e que, segundo Bick (1967), é sentido como uma verdadeira pele. A autora refere ainda, que perturbações na função de pele primordial podem motivar o desenvolvimento de uma “segunda pele”, através da qual a dependência do objecto é substituída por uma pseudo-independência (Bick, 1967).

Anzieu (1985), defende a teoria de que a pele do bebé é a superfície nas experiências de contacto do seu corpo com o da mãe, possibilitando uma relação securizante e de vinculação com ela. Partilhando a ideia de Freud do *Eu-corporal*, o autor fala-nos de um *Eu-pele* dando a ideia de que o psiquismo deriva do somático. Desta forma, o tacto será a tela de fundo mental do psiquismo, onde se inserem os conteúdos psíquicos como figuras, ou seja, onde se encontra o invólucro contendor. Assim, será possível ao aparelho psíquico reter conteúdos, tal como referiu Bion (cit. in Lourenço, 2005).

O bebé não pode ser objecto primário sem a sua mãe; a reverie da mãe necessita da reverie do pai; e se aceitamos a autonomia do bebé temos também que falar da reverie do bebé (Chbani & Pérez-Sánchez, 1998). Os autores defendem que a este pressuposto devemos chamar *Unidade Originária*, ou seja, estes três elementos da relação são de uma importância extrema na formação da base do pensamento e no desenvolvimento mental de cada indivíduo. No seguimento desta ideia, distinguem a função e o estado, materno e paterno, como essenciais para que cada um saiba o seu papel na relação. Assim, a função terá um carácter

mais externo, muito próxima do conceito de *holding* de Winnicott (1960b), e o estado dirá mais respeito ao carácter interno. A função poderá, muitas vezes, ser delegada no outro por algum tempo, já o estado tem a ver com a uma organização mental, uma pele que é específica de cada um (Sá, 2003a).

Brazelton e os seus colaboradores (2001), partilham da ideia de que as competências do bebé são mais precoces do que referiam os clássicos, defendendo que o bebé possui um sistema neuro-fisiológico complexo e plástico. Este sistema permite ao bebé, segundo os autores, ver e ouvir desde o nascimento, sendo que os órgãos dos sentidos, se mostram essenciais na facilitação da vinculação entre os parceiros da comunicação (Brazelton & Cramer, 2001). Para os autores, o estado mental do bebé é essencial na sua predisposição para a interacção e desta forma defende a existência de seis estados de consciência. Estes estados iriam desde o sono profundo até ao estado de choro, passando pelo sono activo, o estado de sonolência ou intermédio, o estado acordado e o estado de alerta. Estes estados deveriam, assim, ser respeitados pelos pais de forma, a que as interacções emocionais sejam favoráveis para o bebé. Neste seguimento falam em seis características que estas interacções devem possuir; sincronia, simetria, contingência, adesão, jogos e autonomia e flexibilidade (Brazelton & Cramer, 2001).

No que diz respeito à sincronia, os pais deverão aprender a «linguagem do bebé», ou seja, os seus comportamentos de autonomia, os seus estados de consciência, a sua actividade motora e a sua capacidade de concentração. Da sincronização dos estados de atenção e distração dos pais resulta, um bebé seguro, confiante e previsível nas suas reacções ao diálogo afectivo. A segunda característica dá-nos conta da simetria necessária para que os pais respeitem os limites do seu bebé, ao nível da atenção, do estilo, das preferências e das reacções do mesmo. A responsabilidade por esta simetria torna os pais mais seguros nesta interacção. A terceira característica, a contingência, diz respeito à disponibilidade destes pais em estarem prontos para estas interacções. A quarta característica, a adesão, deverá ser uma concordância no intercâmbio comunicativo dos pais para com o seu bebé. Os pais devem imitar os ritmos e as vocalizações do seu bebé para que desta forma, ele sinta que as suas emoções e intenções têm efeito sobre o outro. A partir desta característica, pode dar-se a passagem para a característica seguinte, a do jogo. O bebé vai-se tornando cada vez mais autónomo na sua relação com os objectos e com as pessoas, o que faz com que comece a testar acontecimentos e a arquitectar situações. Isto advém da necessidade que o bebé vai

sentido em descobrir o efeito das suas intenções nos outros (intencionalidade). Por último, através dos comportamentos contingentes, sincrónicos e de adesão, os pais vão lançando o bebé para uma maior capacidade de controlo interactivo, o que remete para uma maior autonomia e flexibilidade do próprio (Brazelton & Cramer, 2001).

As investigações deste autor e dos seus colaboradores, parecem ir de encontro às ideias anteriormente defendidas por Bion (1963) e Stern (1995), nomeadamente ao nível da necessidade de uma *reverie* da mãe e da existência de uma «sintonia selectiva», respectivamente (Lourenço, 2005).

O bebé dos quatro aos seis meses encontra-se então mais disponível e mais interessado pelo mundo, pelos outros e por si-mesmo, desta forma, os horizontes abrem-se e complexificam-se as respostas sociais e as suas possibilidades de reconhecimento, nomeadamente ao nível da integração e da diferenciação. Neste sentido, os movimentos de maturação derivam do quadro relacional estabelecido (Sá, 2003a).

Pai e mãe estão na base do desenvolvimento das capacidades do pensamento, que resultam dos processos de internalização e identificação, aumentando o sentimento de si-mesmo (*self*) o que permite a abertura a experiências internas e externas. Aquilo que Bion (1991), chama o aprender pela experiência. Harris (1987, cit. in Sá, 2003a) referiu, “ (...) pais receptivos ajudam o bebé a ter experiência de si-próprio”. O bebé, por um lado, aprende sobre o mundo, sendo esta aprendizagem vista como forma de viver com o ódio e, por outro lado, aprende com a experiência, sendo esta uma forma de viver com o amor (Sá, 2004). Toda esta dinâmica permite ao bebé, novas possibilidades relacionais (familiar vs estranho). Assim, importa entender que mecanismos permitem que o bebé actue num contexto relacional. Este contexto, como é sabido, não existe, dissociado das competências maternas. Aquilo a que se chama o potencial inato do bebé, só pode ser actualizado através da relação com o meio e com o outro.

“Essas novas relações de intimidade “desassossegam-nos”, tornam-nos ou mais espertos ou mais irónicos, ou mais capazes para brincar, por exemplo; trazem a clarividência das “revoluções tranquilas”. É essa comunhão entre pessoas que representa um nascer de novo e nos leva ao amor pela vida e à fé nos outros. Comunhão que sentimos na diálogo do bebé com os seus pais (nas relações amorosas ou na relação analítica): são relações que crescem de “gestos espontâneos” (Winnicott, s/d) e “à margem da necessidade de palavras” (Klein s/d)” (Sá, 2003a, p. 117).

5 – A VINCULAÇÃO

O ser humano nascerá, então, preparado para estabelecer laços emocionais com indivíduos especiais, sendo esta característica, uma componente básica da natureza humana que se prolonga durante toda a vida.

(Bowlby, 1989b cit. in Sá, 2003a, p.22)

George e Solomon (1999), defendem que a vinculação materna, ou seja, a vinculação da mãe ao filho, promove a proximidade com o bebê, assegurando a sua sobrevivência.

“ (...) para que a proximidade e o contacto indispensáveis à sobrevivência do recém-nascido se efectuem, é necessário que o adulto responda rapidamente e de forma adequada aos comportamentos de vinculação do recém-nascido, que teriam o valor de sinais específicos. Aí reside, claramente, um dos fundamentos da etiologia clássica: para benefício da espécie, o ajustamento «espontâneo» é recíproco entre os comportamentos inatos para o filho reconhecer a mãe e os comportamentos predeterminados para a mãe reconhecer as características e necessidades do filho” (Montagner, 1993, p. 39).

A vinculação materna tem sido descrita como um processo mais ou menos gradual de envolvimento emocional (*bonding*) com o filho, que se estabelece e se constrói a partir do que acontece durante a gravidez e, particularmente, no e após o parto, com o privilégio para os primeiros momentos que se seguem à nascença, embora na estreita dependência da emergência de determinadas competências por parte do bebê (Figueiredo, Costa, Marques, Pacheco, & Pais, 2005).

Sousa (2004), refere que a vinculação se inicia em três momentos distintos; pré-natal, perinatal e pós-natal. No momento pré-natal a mãe confronta-se com o desejo de ter um bebê, aquilo a que Lebovici e Stoleru (1995, cit. in Sousa, 2004), denominaram de *bebé fantasmático*. Segundo os autores, numa fase seguinte surgirá para os pais o *bebé imaginário*, na medida em que nesta fase o bebê já é pensado pelos seus pais. Esta etapa permite a organização entre o desejo de maternidade (bebé fantasmático) e o desejo pensado de ter um filho (bebé imaginário). No momento seguinte, que se inicia no parto, dá-se o início da relação com o bebê real, um confronto que pode ser, muitas vezes, complicado para os pais que imaginavam o seu filho de uma forma e quando ele nasce o vêem como ele realmente é. Numa última fase, pós-natal, estabelece-se um espaço para o diálogo entre o bebê e os pais,

em que o bebé é ser activo, e que permite aos pais organizar a curiosidade em conhecer o seu bebé (Sousa, 2004).

Figueiredo (2003), salientou neste sentido, que à medida que a criança se torna mais clara na escolha da mãe como objecto privilegiado do seu universo relacional, mais fácil é para as mães sentirem-se vinculadas ao bebé.

O período de transição para a parentalidade exige desta forma uma série de adaptações e mudanças por parte dos futuros pais, ao nível psicológico, biológico e social (Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes, & Tudge, 2004). Funcionando a gravidez como, um período de preparação para os novos papéis que os pais deverão assumir, face ao bebé e a tudo o que este exigirá.

Bayle (2005), vê a parentalidade como um processo maturativo, levando a uma reestruturação psicoafectiva, permitindo que dois adultos se tornarem pais, ou seja, que respondam às necessidades físicas, afectivas e psíquicas do seu filho.

O bebé interfere na vinculação materna, daí que não se trate de um processo unidirecional (Klaus, Kennell, & Klaus, 2000). Bowlby (1976), assinalou alguns comportamentos inatos; como o chorar, o sorrir e o seguir visualmente a mãe, que têm como objectivo colocar o bebé em contacto com a mesma. Tais comportamentos ocorrem logo à nascença, sendo activados pela presença de determinados estímulos do meio que actuam como desencadeantes sociais das respostas por instinto da mãe (Bowlby, 1976), cumprindo a missão de ligar o bebé à mãe, bem como a mãe a ele (Figueiredo, Costa, Marques, Pacheco, & Pais, 2005). Tal acontece por, estas condutas difundirem na mãe a ideia de que o bebé está a responder-lhe, o que atrai a sua atenção e faz com que mantenha o seu interesse e investimento, estimulando o envolvimento do bebé (Figueiredo, 2001).

Desta forma, segundo Bowlby (1990), o ser humano terá tendência para se vincular ao outro muito precocemente, numa função biológica de procura de suporte e protecção, por considerar o outro como estando mais apto a lidar com o mundo. A este comportamento pode-se chamar *apego*, *vinculação* ou *attachment*. Assim, desde que nascem, os bebés possuem cinco comportamentos de *attachment*: sugar, abraçar, chorar/queixar e aninhar/pendurar.

A criança estará, então, mais predisposta para o amor e para a reparação, do que para a violência e o ódio como conceptualizava Klein (Guedeney, 2004).

No primeiro semestre de vida, o bebé responde à mãe através de vocalizações, sorrisos e movimento dos olhos. As primeiras vinculações são, então, essenciais do ponto de vista da

sobrevivência, tornando-se mais complexas e organizando todo o desenvolvimento (Bowlby, 1990). No segundo semestre e seguintes anos, este já é capaz de prever e reagir em função do que acontece à sua volta. Estes comportamentos indicam um vínculo muito específico (Bowlby, 1998).

O modelo do apego baseia-se em regulações relacionais e não em investimentos como acontecia na teoria de outros autores (Sá, 2004).

Mary Ainsworth, vem dar à teoria de Bowlby um carácter mais experimental e relacional, propondo uma situação padronizada de separação e junção do bebé à mãe. Esta situação foi denominada de *Situação Estranha* e permitiu à autora descrever três tipos de reacção à mesma, ligando categorias de vinculação ao estilo de *maternagem* da mãe. (Guedeney, 2004, p. 27). Desta forma, crianças que têm “mães seguras” tenderam a ter um estilo de vinculação «seguro» e, por sua vez, crianças com mãe menos sensíveis correm um risco acrescido de vir a ter um estilo de vinculação «inseguro». Aquelas crianças que a autora considerou, ainda, não estarem vinculadas, denominou como «evitantes» ou como «ambivalentes» (Miocque, 2004, cit. in Guedeney, 2004).

René Spitz (1979, cit. in Meffre, 2005), defendeu que ao oitavo mês, o bebé possui as capacidades de diferenciação perceptiva completamente desenvolvidas, assim, ao deparar-se com um estranho, compara-o ao rosto materno. Desta forma vai demonstrar uma recusa de contacto com o mesmo, podendo esta gerar uma maior, ou menor angústia. Este comportamento foi denominado pelo autor como, “angústia do oitavo mês”, uma angústia caracterizada pela sensação de perda do objecto, a mãe. A mãe é o objecto privilegiado não apenas no sector visual, mas especialmente no domínio afectivo (Meffre, 2005, p.74).

A falta de oportunidade para comunicar em contínuo, segundo a segundo, numa relação diádica representa um problema para todos os pais de gémeos, bem como para os próprios gémeos (Bryan, 2003). Se bem que seja possível amamentar, acariciar e embalar dois bebés ao mesmo tempo, é claramente impossível fixar e sorrir para ambos em simultâneo. Na idade em que um bebé possui um repertório de vocalizações muito variadas, a interacção entre mãe-bebé é caracterizada por episódios face a face, nos quais a mãe e o bebé quer vocalizam juntos, quer de maneira sucessiva (Mazet & Stoleru, 1988). Assim, para comunicar de forma satisfatória, é essencial estabelecer um contacto visual directo (com base no *framing*), o que parece inconcretizável com dois bebés ao mesmo tempo (Stern, 1992).

Utilizando a observação naturalista, Lytton (1980) verificou que os gémeos experienciam menos trocas verbais com os seus pais, recebem menos justificações verbais e proibições mais consistentes, para além disso, menos expressões de afecto, o que é justificável pela escassez de tempo. O autor referiu, no mesmo estudo, que na maior parte do tempo, os pais de gémeos encontram-se sobre grande pressão e stress. Para além disso, observou, ainda, a presença de conflitos entre os gémeos na competição pela atenção dos pais, mas também atitudes de coesão e de brincadeira, traduzindo uma grande intimidade entre ambos.

Outro estudo, realizado por Savic (1980, cit. in Honrado, 2001) demonstrou que, não é apenas a quantidade de interacções que difere em famílias de gémeos, mas também a natureza dessas interacções. Parece comum que a mãe dirija a sua atenção a um gémeo de cada vez, interrompendo muitas vezes a interacção com uma das crianças. Assim, parece que ser gémeo apresenta algumas desvantagens que se prendem com o facto das interacções com as mães serem menos prolongadas, uma vez que são interrompidas pelo facto dos pais terem que dividir a atenção igualmente pelos filhos.

Segundo Piontelli (2002), a presença mais firme e constante na vida de um gémeo é o outro gémeo. Desta forma, na maioria dos casos, estes transformam-se na maior figura de vinculação um do outro, sendo que esta vinculação se dá num padrão horizontal e não vertical como no bebé singular. Um gémeo sozinho sente-se incompleto (Knight, cit. in Orr, 1941), podendo por isto pressupor-se que a angústia de separação é maior quando os gémeos são separados um do outro, do que, quando estão separados da mãe. Os gémeos juntos sentem-se parte de “um único organismo” (Steinfeld, cit. in Orr, 1941).

Leonard (1961, cit. in Davison, 1992), considera de grande importância a fase dos dois aos seis meses, correspondente à fase simbiótica, pois é nesta altura que os gémeos iniciam um processo de identificação primária entre si. Sugere ainda a ideia de que nos primeiros meses do período de separação-individuação, os gémeos podem servir eles próprios de objectos transicionais um do outro, esbatendo a centralidade e eficácia da mãe enquanto condutora da separação-individuação.

A adevidade na identificação primitiva (Bick, 1967), na qual o *self* é experimentado como uma pele colada ao seu objecto, é a primeira e mais típica forma de dois gémeos se relacionarem um com o outro.

De acordo com Athanassiou (1986), os gémeos experienciam-se a si próprios como colados um ao outro, unificados ou não, contra a mesma pele materna. Quando esta fusão é

atacada, propiciam-se sentimentos de ruptura, no entanto quando se consolida, produz-se uma experiência de similaridade, como a de duas peles (o “ideal” de um relacionamento gemelar regressivo). A unidade inerente à formação de um único corpo rapidamente se dividirá, dando lugar à raiva oferecida pela rivalidade que o objecto materno não consegue conciliar.

Nesta situação particular em que existem três pessoas presentes desde o início, e não duas, é a mãe que fortemente determina o impacto que esta rivalidade poderá ter no desenvolvimento dos gémeos: no momento em que a mãe toma um dos gémeos nos seus braços, o outro não está presente, quando a mãe dá de mamar a um dos gémeos, nem que seja uma pequena parte da sua atenção, o outro não a está a receber. Na perspectiva confusa dos gémeos desta idade, o gémeo que não se encontra a mamar vê o seu *alter ego* cheio de raiva ao ser separado não apenas do peito mas também do seu irmão gémeo.

Davison (1992), na sua investigação com o método de Bick, conclui que, além dos gémeos observados terem desenvolvido separadamente uma forte vinculação ao bom seio, estes, também, foram rivais em relação ao bom seio, afirmando que a rivalidade estimulou a possessividade em cada um deles em relação à mãe. Tal facto, parece, envenenar o bom seio que pode ter parecido traí-los.

Athanassiou (1986), diz que se a mãe conseguir diferenciar internamente as duas crianças, permitirá que cada gémeo possa formar uma relação suficientemente intensa com esta, sobreponível à relação que os gémeos têm entre si. Desta forma, os bebés têm uma relação mais forte com ela, do que a relação existente entre os dois. A partilha de experiências simbióticas com a mãe toma precedência sobre a simbiose existente entre os gémeos, ficando o “fenómeno de parasitismo” enfraquecido. O caminho estará, desta forma, aberto para uma evolução mais positiva da relação com a mãe, e para uma relação mais positiva desta com o pai, em detrimento do gémeo enquanto principal e verdadeiro rival dentro do triângulo edipiano.

Tendo em conta as particularidades de uma situação gemelar, muitas são as especificidades desde a gravidez à relação. De um ponto de vista de optimização da intervenção junto dos pais e dos bebés, torna-se necessário perceber como se processam as relações e interacções, bem como o envolvimento emocional dos intervenientes nas referidas.

Este trabalho tem como objectivo a observação destas interacções e consequente reflexão acerca das mesmas.

Em última análise, pretende-se compreender e pensar as dificuldades decorrentes de uma parentalidade gemelar e aumentar a qualidade da relação bebé/bebé e bebés/pais. A par disto, incentivar o bom desenvolvimento das crianças, quer dos pontos de vista emocional, afectivo e cognitivo, não esquecendo a importância de um desenvolvimento saudável e harmonioso dos bebés/crianças.

6 – METODOLOGIA

*“Querem conhecer o bebé? Observem.
Notar e anotar é o primeiro passo – o descritivo – na longa construção de epistemas.
Observar, observar e continuar a observar.
Que o saber só cai das nuvens aos iluminados –
que depois alumiam como os pirilampos: são fogachos fugazes de pequenas ideias.”*
(Coimbra de Matos, 2006, p.51)

Pretendeu-se elaborar um estudo qualitativo de natureza experimental, assente num estudo de caso. Segundo Yin (1992), o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, no qual os comportamentos relevantes não podem ser manipulados, mas onde é possível fazerem-se observações directas e sistemáticas.

6.1. - Participantes

O presente estudo contou com a participação de uma família composta pela mãe, pai e um casal de gémeos. Tendo em conta a especificidade do método adoptado, a observadora também é considerada como participante no estudo.

6.1.a. – Selecção dos Participantes

A selecção dos participantes foi feita de entre as pacientes de um consultório de obstetrícia, sendo que, o único requisito era que a mãe estivesse grávida de gémeos e que aceitasse as especificações da carta de consentimento informado.

6.1.b. – Caracterização dos Participantes

Podemos caracterizar os participantes da seguinte forma: a mãe tem 30 anos, primípara e mãe de gémeos dizigóticos, um do sexo feminino e outro do sexo masculino. A mãe não utilizou tratamentos de infertilidade e apesar de não ser condição para o estudo, a

mãe co-habita com o pai dos bebés. Os pais são profissionalmente activos, a mãe pertence a uma força militarizada e o pai ao sector imobiliário.

Os gémeos nasceram de cesariana, às 37 semanas, tendo a menina nascido, em primeiro lugar e com 2 minutos de diferença do menino. A menina pesava 2,400kg e o menino 2,200kg.

6.2. – Instrumentos

Descrevem-se de seguida, os instrumentos qualitativos, utilizados na recolha de dados, sendo estes considerados os mais adequados para a elaboração do estudo em causa.

6.2.a. – Entrevista de Pesquisa

A entrevista é uma técnica de pesquisa que visa obter informações de interesse a uma investigação, onde o pesquisador formula perguntas orientadas, com um objetivo definido, frente a frente com o respondente e dentro de uma interação social (Pedinielli & Rouan, 2005).

Na entrevista pretende recolher-se informação para que possa posteriormente auxiliar na interpretação das observações.

6.2.b. – Método Esther Bick

A observação da interacção, baseou-se no método de Esther Bick (1964), o método de Bick para a observação de bebés, segundo Vasconcelos (2000), “permite encontrar um equilíbrio entre teorias e factos, emoções e relações, abrindo-se para uma reflexão e uma prática atenta aos aspectos intra-psíquicos do funcionamento mental bem como às suas expressões externas viabilizando uma interacção”.

Segundo Bick (1964), este método, sendo dedutivo científico, oferece a oportunidade de se observar o desenvolvimento de um bebé desde o nascimento e descobrir como se originam as relações da criança com o seu meio. O método pressupõe a realização de uma observação semanal, que deve durar cerca de uma hora, na habitação familiar, desde o nascimento do bebé até ao segundo ano de vida. No que diz respeito ao trabalho em questão, as observações foram feitas apenas até ao oitavo mês de vida.

Em relação à atitude do observador, o mais importante é que este se sinta integrado no meio familiar, esta integração potenciará que este experiencie o contexto emocional da família, abstendo-se no entanto, de dar conselhos ou orientações. Não se trata de uma presença silenciosa e enigmática, nem de uma observação objectivante que pretenda recolher, de uma maneira exaustiva, tudo o que se passa na situação, mas sim, de uma atitude de receptividade e de atenção (Houzel et al., 2004). O observador deve procurar ser simpático e receptivo a todos os membros da família, uma vez que não pode nunca esquecer que estes lhe deram a possibilidade de ele se introduzir nos seus lares.

Uma vez que a recolha de informação em simultâneo com a observação, é tida como sendo desadequada porque perturba o funcionamento não só dos participantes, mas também a atenção flutuante da observadora, recorre-se ao próprio psiquismo como meio de registo (Houzel e tal., 2004).

O “(...) comportamento dos bebés tem um significado dentro do contexto das suas relações nascentes com as pessoas que povoam os seus mundos” (Piontelli, 1995, p.17), sendo que, esta reconstrução é feita através da redacção à posteriori daquilo que foi observado, num trabalho feito a sós e tendo em conta; associações, recordações e emoções (Sandri, 1989).

O método de Bick tem, desta forma, o objectivo de desenvolver a receptividade, a atenção e o pensamento da observadora, capacidades que permitirão uma aproximação prudente e progressiva da experiência emocional, sendo esta, o encontro entre o bebé e o seu mundo (Pérez-Sánchez, 1986).

Entende-se assim que os dois instrumentos em conjunto nos possibilitaram um maior aproximação ao mundo intersubjectivo da relação da mãe com os gémeos e na interferência deste mundo na relação deles um com o outro e com os outros.

6.3. – Procedimento

O primeiro contacto com a mãe, efectuou-se através de um interveniente, que informou em traços gerais o propósito do estudo e pediu os contactos necessários, para que *a posteriori* pudesse ser contactada. Este contacto foi feito via telefone, para que se marcasse o encontro que deu a conhecer melhor os objectivos e delineamentos do estudo. Uma vez aceite a participação no estudo, foi assinada a carta de consentimento autorizado (**Anexo A**).

A primeira etapa do estudo caracterizou-se então por uma entrevista directiva à mãe a fim de conhecer um pouco mais acerca do decorrer da gravidez, do desenvolvimento dos bebés, e por outro lado perceber um pouco do percurso desta mãe. Durante a entrevista foi utilizado um guião físico e a recolha de dados foi feita de forma escrita, procurando assegurar uma recolha completa da informação solicitada (**Anexo B**).

A etapa seguinte foi a de observação mãe-bebés e bebé-bebé, baseada no método de Esther Bick, tendo sido realizada consoante a disponibilidade da mãe, variando nos dias e nas horas, mas sendo feita normalmente num intervalo de quinze em quinze dias, salvo uma excepção (**Anexo C**). Esta etapa contou com dez sessões (totalizando dez horas de observação), sendo que nem sempre foi possível que estas se realizassem à mesma hora. A primeira sessão, serviu essencialmente para que se estabelecesse o primeiro contacto com a mãe após o parto e com os bebés. Na segunda sessão, pode observar-se o período de amamentação dos dois bebés e na terceira sessão observar a introdução das primeiras papas. Na quarta sessão, conseguimos ver pela primeira vez a interacção do pai com os bebés e também o momento do banho dos dois bebés. A quinta e sexta sessão passaram pela observação das primeiras interacções entre os dois gémeos, já na sétima sessão, que decorreu num ambiente exterior, pode observar-se um pouco da interacção dos bebés e da mãe com estranhos. Na oitava sessão, podemos observar algumas reacções aos estímulos do observador sem a presença da mãe. A nona e décima sessão iniciaram-se com a ida à creche e concluíram-se em casa com algumas situações de interacção entre ambos. Todas as observações, inclusive aquelas que foram filmadas foram analisadas posteriormente. Foi feita uma grelha de observações para auxiliar na análise (**Anexo D**).

7 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE INTERPRETATIVA

Este capítulo diz respeito à descrição e análise interpretativa das observações, que de acordo com a metodologia, permitirão através dos dados qualitativos reflectir acerca da complexidade imersa na vivência relacional mãe-bebé e bebé-bebé, com base nas teorias abordadas nos capítulos anteriores.

7.1 – Descrição das Observações

O primeiro contacto com a mãe, a Sra. Vanda, foi estabelecido em Janeiro na casa da família. Neste momento a mãe encontrava-se no período das trinta e seis semanas de gestação.

Tal como já tinha demonstrado no contacto telefónico, foi bastante receptiva à participação no estudo e revelou-se cooperante a todos os níveis. É uma mulher extrovertida e muito simpática, tendo-me deixado logo desde o início, bastante à vontade. Falou-se sobre a gravidez, que segundo ela estava a correr dentro da normalidade e sobre os dois bebés. Pareceu-me um pouco receosa por ir ser mãe pela primeira vez e, acima de tudo, por serem gémeos, contudo, e como seria de esperar o misto era de receio e alegria, no que dizia respeito a esta gravidez muito desejada. Sem que fosse necessário perguntar, a Sra. Vanda falou-me logo do desenvolvimento dos bebés e facultou-me todas as informações que tinha das consultas para que as pudesse ler - *Deve perceber disto melhor que eu!* Até esta altura os bebés encontravam-se bastante equiparados em termos do seu comprimento, peso e percentil cefálico, ressaltou apenas o facto de a menina ter uma formação quística pélvica. A Sra. Vanda disse-me que não era nada de grave, mas que provavelmente a menina teria de ser submetida a uma cirurgia quando nascesse.

Neste contacto colocou-me, ainda, algumas questões sobre gémeos e disse-me que infelizmente tinha encontrado pouca literatura sobre o que é ser mãe de gémeos. O nosso primeiro contacto presencial terminou assim, falando de algumas questões sobre gémeos. Vestir de igual? A mãe não concorda, até porque são um menino e uma menina - *seria uma tarefa complicada*. Dar o mesmo nome, ou nomes com iniciais iguais? - *Que horror, oh João, oh Joana...acho que não ia ser muito interessante*. Colocar na mesma turma? - *Sem dúvida que têm de ficar juntos*.

A primeira observação (1ª observação, 3 meses), foi feita no mês de Maio, tendo já passado algum tempo desde o nosso primeiro encontro. Quando cheguei, fui recebida com sorriso afável e com a informação de que o Victor tinha acabado de acordar - “Estás com sorte!”. Fui então dirigida para a sala de estar, onde tinha sido a nossa primeira conversa e pude observar no sofá uma mantinha rosa, a Beatriz estava a dormir. O Victor estava deitado numa cadeira no chão, encontrava-se muito desperto e a palrar, nem a minha chegada o inibiu.

Enquanto a Beatriz despertava, a mãe foi-me dizendo que estavam os três muito constipados e que teria de fazer vapores aos meninos. Com a Beatriz já acordada, a mãe pegou nela falando-lhe carinhosamente de mim - “esta é a Susana e veio ver-vos!” e de seguida colocou-a numa cadeira disposta a lado do irmão. O Victor é mais pequeno que a irmã, uma cara mais larga e uns olhos enormes, de cor castanha. A Beatriz é mais esguia, muito esticada na sua cadeira, ao contrário do irmão, muito encolhido, tem os olhos mais claros e mais pequenos e muito cabelo em comparação com o irmão.

De seguida, a mãe pegou no Victor, deitou-o no sofá e preparou os vapores, uma pequena mangueira encostada ao nariz do Victor fazia-lhe chegar algo que ele parecia adorar, pois durante os cinco minutos seguintes não parou de sorrir. Durante este processo a Beatriz parecia adormecer novamente na sua cadeira, mas por escassos minutos, pois assim que ouviu a voz da mãe a falar com o irmão, num tom de brincadeira e um pouco mais elevado do que seria normal abriu os olhos e sorriu. Segundo a mãe estava na hora de comerem, ausentou-se da sala por momentos, explicando-me que iria preparar o biberão do Victor uma vez que este tinha acordado primeiro. Enquanto isso eu fiquei na tentativa de estabelecer uma comunicação com os dois, o Victor palrava incessantemente, a Beatriz mais tímida sorria. Pareceram não estranhar muito a minha presença. A mãe chegou com o biberão e ao pegar no Victor para lhe colocar o babeto disse - “queres ver Susana, como eu sei que vou mamar?”. E realmente no momento em que lhe estava a ser colocado o babeto o Victor ficou bem mais agitado, só descansando quando a tetina lhe chegou à boca.

Enquanto isso, a Beatriz que a mãe tinha colocado no sofá deitada ao lado do Victor assim que os vapores terminaram, mantinha-se na mesma posição, deitada de lado, virada para a mãe e para o irmão. Nos dez minutos que durou a mamada, a Beatriz esteve pacientemente à espera que chegasse a sua vez, olhava para a mãe e para o irmão e ao

mesmo tempo babava mais do que o habitual (segundo a mãe), porque estava a chegar a sua vez. O Victor mamou de costas encostadas ao peito da mãe, virado para a frente e pude observar os seus olhos semi-cerrados quando o fim se aproximava. A mãe pareceu um pouco preocupada por ele não ter arrotado, mas depressa o deitou e foi fazer um novo biberão, desta vez para a Beatriz. Antes do biberão, a mãe mudou-lhe a fralda, algo que a pareceu deixar muito satisfeita, assim que a mãe lhe tirou as calças, ela mexeu freneticamente a pernas e sorriu. O ambiente era calmo porque o irmão já dormia no seu cantinho do sofá. A Beatriz pareceu ter mais dificuldade em mamar, engasgando-se algumas vezes, momentos controlados de imediato pela mãe, que tirando-lhe o biberão da boca dizia - “és sempre a mesma coisa”. Depois de mamar e de arrotar, a mãe voltou a deitá-la no sofá, numa posição em que esta estava de frente para a televisão, tendo ficado algum tempo acordada. A mãe diz que eles gostam muito de ver televisão e que ficam calminhos. Estando os dois satisfeitos e aconchegados no sofá a mãe recostou-se e começou a falar-me de como tinha sido a experiência do parto, da operação e do novo ambiente familiar.

Diz-me que o parto não foi de todo uma experiência agradável, mesmo tendo sido cesariana, teve muitas dores e considera não ter sido muito bem tratada. Falou-me de seguida da experiência “angustiante” que foi trazer o Victor e deixar a Beatriz para que ela recupera-se da operação na incubadora - “senti um grande vazio”. Passados os dez dias de internamento da Beatriz, esta veio para casa e após um mês foi o Victor que teve de regressar ao hospital para ser internado durante dois dias, porque não comia. Foi um período complicado para todos, diz a mãe, que teve de se dividir entre visitas ao hospital e os cuidados dos bebés.

Depois desta conversa que já ia prolongada, estando quase na hora de os bebés voltarem a acordar, deixei a mãe, para que esta também pudesse descansar e marcámos novo encontro para dali a quinze dias.

Comentários:

Durante a observação, os gémeos mostraram-se extremamente calmos, muito sossegados no local onde a mãe os deixava, não demonstrando muita estranheza na presença de um estranho.

Não se verificou nenhuma interacção entre os dois, nomeadamente ao nível do olhar e do toque, mas a posição em que se encontravam, também, não lhes permitia o contacto face a face.

Durante a mamada, a mãe parece pouco ajustada, pegando tanto num como noutra de forma pouco confortável e até um tanto ou quanto rígida. O contacto ocular com os bebés nesta situação da diade é quase nulo, mantendo-os virados para a frente. É de realçar que os bebés mamaram durante muito poucos dias, até que o leite da mãe secou, sendo posteriormente alimentados a biberão. Talvez por isso a experiência da amamentação seja árdua para esta mãe, não conseguindo criar uma verdadeira comunicação com os bebés. Os bebés parecem sentir alguma inquietude, e inclusivamente a Beatriz apresenta algumas dificuldades em mamar, engasgando-se muitas vezes, podendo dever-se a uma posição menos confortável em que a mãe os coloca.

Nesta observação e apesar da boa disposição e simpatia, a mãe pareceu com um ar muito cansado, parecia ainda estar a viver aquele período de turbulência pós-nascimento. Devido ao internamento dos bebés e, conseqüente, atraso na ida para casa e na entrada numa rotina, estas vivências parecem estar ainda muito presentes e sendo recorrentes no discurso da mãe. Pareceu-me um pouco ansiosa, demonstrando-se insegura com o estado dos bebés e com o desempenho das suas funções maternas. A observadora entra aqui como sendo um continente das angústias desta mãe.

Na segunda observação (2ª observação, 3 meses e 15 dias), à minha chegada fui recebida com um sorriso carinhoso e dois beijos pela mãe. Fui dirigida à sala onde os bebés dormiam no sofá, na mesma posição em que estavam quando me fui embora da primeira vez, foi quase uma sensação de “dejá vu”. Conversei um pouco com a mãe e comentamos que apesar de terem passado apenas quinze dias já se notava uma enorme diferença no tamanho dos bebés. Enquanto conversávamos, os bebés foram acordando e passados alguns minutos a mãe aproximou-se, conversando com eles - “já acordaram? temos uma visita”. Dito isto, agarrou num de cada vez e colocou-os recostados no sofá lado a lado. Cumprimentei-os e eles sorriram, a mãe sentou-se na frente deles e começou a falar-lhes, e eu aproveitei este momento para fazer a primeira gravação. Foi possível observar a mãe interagindo com o Victor e ele muito atento seguindo a mãe com os olhos, a Beatriz apesar de a mãe não estar a falar directamente com ela sorriu sempre que a mãe falava com o irmão - “diz olá à Susana,

filho...E tu também princesa!”. A mãe parece falar sempre directamente para o menino, só se virando para a menina quando esta se riu com mais intensidade. Bolçaram os dois ao mesmo tempo e ao limpá-los olhou para a menina e falou com ela, assim que isto aconteceu o menino palrou, parecendo chamar a atenção da mãe que tinha sido pela primeira vez desviada para a menina - “diz filho!”. Enquanto fala com os bebés vai tocando nas pernas do Victor, tentando que ele se endireite, raras são as vezes em que toca na menina, mas ela também tem muito menos dificuldade de se manter direita.

Estava na hora do biberão, o Victor foi o primeiro a mamar ainda que tivessem acordado os dois ao mesmo tempo. Colocou-lhe o babeto e encostou-o no seu peito virado para a frente e enquanto lhe colocava o biberão na boca, olhava para a Beatriz que continuava na mesma posição. Enquanto o irmão mamava a Beatriz olhava para a televisão - “ela está a ver televisão!” - e o irmão olhava fixamente para a câmara de filmar, a mãe ia dividindo o seu olhar entre a menina deitada no sofá, o menino ao seu colo e a televisão. Passado algum tempo em silêncio, a mãe olha para mim, sorri e diz - está muito bem comportada a minha filha. No final da mamada a mãe pegou no Victor para que ele arrotasse e quando ele arrotou ela gratificou-o dizendo - “bom proveito meu filho” -, depois colocou-o ao lado da irmã no sofá e foi preparar um novo biberão. Antes de lhe dar de mamar, a mãe mudou-lhe a fralda, e brincou com ela, colocou-a no seu colo - “vamos mostrar à Susana o que é que tu gostas!” e simulou um cavalinho e uma luta de boxe enquanto ela sorria. Durante esta brincadeira a Beatriz acabou por bolçar, a mãe decidiu parar a brincadeira e trocar-lhe a fralda e foi quando me alertou para a uma irritação que ela tinha na barriga e pernas - “vês? eles estão com uma irritação estranha”. Ao deitá-la no sofá, a atenção da Beatriz foi desviada para a câmara e a mãe disse-me - “Está a olhar para ti!” e depois voltou-se para a menina - “O que está ela a fazer a ti princesa?”. Depois da fralda mudada chegou a vez da mamada e assim que a mãe lhe coloca o biberão a sua atenção passa a ser dividida entre a câmara e a mãe. Enquanto durou todo este processo de brincadeira, troca de fralda e mamada, o Victor estava no “seu” cantinho do sofá mexendo freneticamente as pernas. Tanto se mexeu que foi escorregando e enquanto a irmã mamava bastante inquieta, ele continuava a escorregar, a mãe esteve sempre atenta, olhava para ele e aproveitou uma altura em que a menina se engasgou para pousar o biberão e encostar melhor o menino - “vamos aqui ajeitar o teu irmão”. Ao sentir a mãe a aproximar-se o Victor palra, mas não obtendo resposta foca a sua atenção na televisão. A mãe volta a dar o biberão à Beatriz.

Nesta altura a Beatriz olha fixamente para a câmara até ao fim do biberão, é então que a mãe lhe pega para que arrote e depois a coloca junto ao irmão. O Victor ia falando ao ouvir-nos falar, já a Beatriz apenas sorria - “aprende com o mano filha...”- diz a mãe, que parece um pouco incomodada com o facto de eles não reagirem da mesma forma. Falámos um pouco sobre isso e a mãe disse-me que ele fala mais, ela é mais “rijinha”. Houve ainda tempo para que a mãe me mostrasse algumas fotografias dos bebés e depois de as vermos todas comentou comigo - “Que engraçado tiro mais fotografias a ele”. Passados alguns momentos fui-me embora deixando-os no sofá com a mãe a “verem” televisão, segundo ela.

Comentários:

A mãe na maioria das vezes, de uma forma muito carinhosa, inicia a interacção olhando e falando com os gémeos e eles respondem sorrindo e até falando, no caso do Victor, tal como na primeira observação, este chega inclusivamente a chamar a atenção da mãe, através do palrar, quando deixa de ser o “centro das atenções”.

Apesar de a mãe estar sentada frente a frente com os dois, encontra-se numa interacção mais directa com o Victor, mesmo assim, a Beatriz reage e sorri ao ouvir a voz da mãe.

Quando dirige a sua atenção para a menina, a mãe tem com ela, uma brincadeira extremamente masculina, uma luta de boxe.

A mãe diz-nos que o Victor fala mais e que a Beatriz é mais rijinha e incentiva-a a seguir o exemplo do irmão, mas, o facto de normalmente a mãe focar a sua atenção no Victor, pode estar a fazer com que a Beatriz não seja estimulada o suficiente para que desenvolva as vocalizações com a mesma rapidez que o irmão.

A terceira observação (3ª observação, 4 meses), ocorreu numa hora mais tardia, talvez por isso a minha recepção não tenha sido tão efusiva como costume, a mãe estava com um ar um pouco cansado. Guiou-me até à sala, onde segundo me disse, tinha acabado de dar um boião de fruta ao Victor. Explicou-me que era a primeira vez que eles estavam a comer papas, mas que continuava a intercalar a papa com o leite. Na sala o Victor estava deitado no sofá a dormir e Beatriz estava sentada na cadeira pois a mãe preparava-se para lhe por o babete e dar-lhe um boião de fruta.

Dirigi-me a ela e segurando-lhe nas mãos, disse-lhe olá e ela sorriu, de seguida a mãe segurou-a no colo deitando-a, algo que não era comum quando lhes dava o biberão, em que

os colocava sempre muito direitos no seu colo. Antes de começar a dar a fruta à Beatriz disse-me - “o irmão come melhor!” - e começou a dar-lhe de comer, o que não foi tarefa fácil pois assim que a mãe lhe punha a colher na boca, ela deitava tudo para fora. A mãe comentou que talvez este comportamento se devesse ao facto de não haver sucção, como no biberão e ela estar a estranhar, então empurrava o que vinha para fora com a chucha. Apesar das tentativas a Beatriz comia a muito custo e aproveitava para mamar na colher, fazendo força para não comer. Embora as distrações fossem muitas, a Beatriz começou a ficar muito impaciente e a chorar e foi nesta altura que se notou que o Victor começou a agitar-se enquanto dormia. Na altura em que a irmã começou a chorar mais efusivamente, o Victor começou também a fazer uns gemidos, mas continuando a dormir. De cada vez que a irmã parava de chorar, ele parava também e retomava quando a irmã chorava novamente. Apercebendo-se desta situação a mãe começou a rir e disse - “ele está a chorar porque ouve a irmã a chorar”.

A Beatriz comeu metade do boião de fruta e a mãe acabou por desistir e deitou-a no sofá, enquanto ao seu lado o Victor continuava a dormir. A mãe decidiu brincar com ele, - “bebé da mãe...” -, chamava por ele, e ele, apesar de ainda de olhos fechados sorria ao ouvir a voz da mãe - “estás a fazer óó?”. Depois deixa-o continuar no seu sono e começa a brincar com a Beatriz - “gorda safada!” -, ela sorri para a mãe, mas depressa prende o seu olhar na câmara de filmar. Nesta altura dei por terminada a minha observação e despedi-me, deixando as duas a interagir sem mais distrações.

Comentários:

Por se ter tratado de uma observação mais tardia, é notório o cansaço e alguma impaciência por parte da mãe, nomeadamente na altura de dar a fruta à Beatriz que chora de desconforto pela posição, e de estranheza em relação a uma textura nova. A mãe friza que o Victor come melhor do que a irmã.

Mesmo a dormir, o Victor responde à voz da mãe com um sorriso. Ao ouvir a irmã a chorar, ele chora também, parecendo responder a este som que lhe é familiar, quase de forma instintiva e não intencional.

Por várias vezes a mãe apelida carinhosamente o Victor de “bebé da mãe”, enquanto a Beatriz é apelidada de “gorda safada”. Existe uma distância e uma frieza maior na apelação da Beatriz.

Na quarta observação (4ª observação, 4 meses e 15 dias), quando cheguei, a mãe preparava-se para dar banho aos meninos - “ainda bem que chegas-te, assim podes ver o banho”. Levámo-los da sala para quarto (quarto dos pais, onde ainda dormem) e eu coloquei o Victor em cima da cama encostado a uma almofada e a mãe deitou a Beatriz na cama e foi preparar o banho. Começou depois a despi-la e colocou-a na banheira - “vamos lavar as orelhinhas, o pescoço da princesa, a bochecha, a outra bochecha, a barriga, o bracinho e outro bracinho, ...”. Ela estava muito espantada, segundo a mãe, ela fica ainda muito apreensiva. A mãe vai brincando e conversando com ela - “mete as mãos na água filha”- e depois comenta comigo - “daqui a uns anos estou a dizer-lhe o contrário”. Enquanto isso o Victor continuava muito quieto no sítio onde o havíamos deixado. A mãe vira a menina de costas e brincando comigo diz - “com a sua licença”- e continua a lavá-la. Depois do banho tomado leva-a para a cama para a limpar e coloca-a de costa para si, enquanto isso vai falando com o menino, que sorri ao ouvir a voz da mãe. Depois da fralda posta e do creme espalhado no corpo a mãe começa a vesti-la, e ela fica um pouco incomodada, começando a chorar.

Tocaram à porta e uma vez que a mãe estava ocupada, ofereci-me para abrir, era uma vizinha que ficou lá apenas alguns momentos. Falou com a mãe sobre um problema do prédio e cumprimentou os meninos. Assim que a vizinha se foi embora dirigimo-nos à sala com os dois bebés, para que a mãe desse o biberão à Beatriz. Enquanto ela mamou, o irmão estava sentado no sofá virado para a televisão, ali ficou muito sossegado. Ela acabou por adormecer enquanto mamava e ficou a dormir na sala, deixámo-la lá e fomos novamente para o quarto, para dar o banho ao Victor, que pacientemente esperava. Depois de preparar o banho e no momento em que a mãe despia o menino, o pai chegou. Fui apresentada ao pai, uma vez que era a primeira vez que estávamos em contacto. Logo de seguida foi falar com o filho e perguntou pela menina. A mãe disse que ela estava a dormir, e ele perguntou se a podia acordar, a mãe riu-se e disse que não.

A mãe colocou o Victor na banheira e depressa o pai voltou a aparecer no quarto, enquanto a mãe ensaboava o menino, o pai ora lhe apertava o nariz, ora lhe atirava água para a cara. A mãe estava com alguma dificuldade em manter o Victor na banheira que de tanto se mexer, a banheira andava - “pára, está quieto”- diz para o pai. “Ele é mais mexido a tomar banho”- diz a mãe e o pai responde-lhe - “deixa-o, ele está a divertir-se”, apesar de tudo a mãe parecia surpresa com este comportamento dizendo que da última vez que ele

tomou banho não tinha feito aquilo. O Victor continuava a deitar água em todas as direcções, o pai associou este comportamento, ao facto de naquele dia ele ter mais assistência.

O pai despede-se e ao mesmo tempo o menino começa a chorar, o pai volta a trás e apesar de a mãe estar a tirar o Victor da banheira, o pai volta a colocá-lo lá e depois novamente a mãe retira-o da banheira - “já percebeste que o pai é um destabilizador!”- e ouve-se uma voz ao fundo que lhe responde - “e mais nada!”.

O pai sai e o Victor já deitado na cama começa a querer chorar, distrai-se com a câmara, mas por pouco tempo. A mãe muda-lhe a fralda, coloca-lhe o creme e ele começa novamente a chorar, agora com mais intensidade. A mãe começa a falar com ele - “conta à mãe o que é que o pai te fez? O pai é maluco!”- e endireita-o um pouco para que ele se acalme. Depois do banho era a vez do Victor beber o biberão. Deixei então a mãe para que lho pudesse dar com mais calma porque ele já tinha tido agitação suficiente para aquele dia.

Comentários:

Esta é mais uma tarefa complicada para uma mãe de gémeos, uma vez que dificilmente consegue dar banho aos bebés sem que, esteja mais alguém presente. O Victor, enquanto esperava, felizmente para a mãe, mostrou-se muito paciente.

A Beatriz estranha a movimentação da água e fica rabugenta, já o Victor brinca, parecendo nem se dar conta da entrada do pai e dos seus comportamentos provocatórios. O pai surge nesta observação, como a mãe refere, como um factor destabilizador, em vez de auxiliar a mãe no banho, tenta brincar com o filho dificultando o trabalho da mãe e questiona sobre a hipótese de poder acordar a Beatriz que dormia na sala.

Quando estão na sala, onde passam a maioria do tempo, é comum que a mãe diga que eles estão a ver televisão e realmente esta parece prender a atenção de ambos grande parte do tempo. Este fascínio funciona para a mãe como um escape.

Na quinta observação (5ª observação, 5 meses), que ocorreu na mesma hora que a anterior, a mãe recebeu-me muito apressada e conduziu-me de imediato à sala, parecia mais atarefada do que era costume. Os gémeos estavam os dois deitados num cobertor no chão da sala, cumprimentei-os como já era normal mas não obtive grandes reacções, a não ser o palrar do Victor, mas que não me pareceu estar ligado à minha chegada, pois já o ouvia a palrar enquanto entrava.

A mãe estava a meio da muda da fralda do Victor e enquanto o vestia ia falando com ele, mas durante pouco tempo, de tanto se mexer o Victor acabou por dar um pontapé à irmã e ela queixou-se. Nesta altura a conversa da mãe virou-se para ela - “ estás feita manhosa, mas eu conto-te” - e nisto, a Beatriz retoma a sua lamúria que já tinha cessado - “não sejas má filha, a mãe já vai tratar de ti!” - mas o choro continuou - “mostra como tu és manhosa”, nesta altura a Beatriz foca o olhar na mãe, mas quase de imediato o desvia para a câmara. Nesta altura o Victor que se tinha mantido calado durante algum tempo, voltou a palrar, mas sem obter resposta.

A mãe inicia uma brincadeira com eles, agarrando-lhes nos pés e levando-os até à boca, a Beatriz agarra ainda durante algum tempo os pés, mas o Victor deixa imediatamente cair as pernas. Em seguida a mãe ausenta-se da sala para ir colocar as fraldas no lixo e fico apenas eu com os gémeos. A mãe acaba por demorar algum tempo, mas eles seguem a câmara com o olhar e parecem pouco incomodados com a ausência da mãe. Ao regressar à sala fala com eles, o Victor palra, a Beatriz apenas sorri, nunca desviando o seu olhar da câmara.

Tocam à porta, era um casal, segundo a mãe eram vizinhos e costumavam ir visitar os gémeos algumas vezes. A Beatriz pareceu não ligar muito às presenças, mas o Victor ficou bastante agitado e ao sentir a aproximação do vizinho movimentou-se mais freneticamente do que o normal. A mãe diz que ele gosta muito dele e que palra imenso com ele, algo que o vizinho confirmou e que eu também pude assistir. Não querendo ser um estorvo decidi fazer ali as minhas despedidas e deixar a mãe e os gémeos com um pouco de distração.

Comentários:

Nesta observação a mãe pareceu-me um pouco distante, ao contrário do que era normal, estava pouco comunicativa. O mesmo não pode dizer-se do Victor, que cada vez palra mais e mais alto.

A mãe faz o exercício com os dois, de levar os pés à boca e a Beatriz foi muito bem sucedida ao contrário do irmão, não recebeu contudo, nenhuma gratificação, como é comum acontecer com o Victor.

Numa situação de maior proximidade o Victor bate na irmã que chora e a mãe imediatamente lhe diz - *não sejas má* -, como se a situação se tivesse processado ao contrário.

Manhosa e má foram duas das características de que a mãe apelidou a Beatriz, quando esta se queixou do pontapé do irmão.

Quando a mãe os deixa sozinhos por um momento mais prolongado do que o normal, eles distraem-se com a câmara, parecendo nem notar a sua ausência, mas no seu retorno, ambos a “cumprimentam”.

À chegada das visitas foi interessante ver que a Beatriz, a gémea que normalmente é a mais dada, quase nem se apercebe da entrada dos vizinhos, enquanto o Victor tem a reacção oposta, fica muito excitado com toda a movimentação.

A sexta observação (6ª observação, 5 meses e 15 dias), teve de ser um pouco mais rápida do que era normal tal como a anterior, mas desta vez por motivos pessoais da mãe. Quando cheguei, o Victor dormia deitado na sua cama, no quarto dos pais e a Beatriz estava muito desperta na sala sentada numa cadeirinha. A mãe estava na sala, segundo ela a tentar passar um pouco a ferro enquanto a menina estava virada para a televisão, parecendo ligar pouco ao que estava a acontecer ao seu redor. Falei um pouco com a mãe sobre como estavam a ser os dias, que segundo ela, pouco passavam de mudar fraldas, dar de comer e tentar tratar da casa quando possível. Ao questioná-la sobre o pai dos gémeos, ela diz que o trabalho dele em termos de horários é muito complicado e que normalmente quando chega não tem muita disponibilidade para brincar com os bebés, ou para ajudar na lida da casa - “ele chega sempre muito tarde e tenta brincar com eles mas se eles não reagem logo, ele desiste. Comigo também não tem sido grande ajuda, senta-se no sofá e só se levanta para comer”. Nesta altura o Victor deve ter-se agitado na cama e o intercomunicador começou a tocar, a mãe dirigiu-se ao quarto para ver como ele está. Enquanto isso, aproveito para brincar um pouco com a Beatriz, virei a cadeira dela para mim, que estava sentada no sofá. Fui brincando com ela tapando e destapando-lhe a cara, ela pareceu gostar muito da brincadeira sorrindo e a certa altura quando parei ela palrou, parecendo chamar a minha atenção. Fui falando com ela e retomei a brincadeira e foi quando a mãe voltou a entrar na sala, dizendo que estava tudo bem com o Victor, que deveria estar a sonhar.

À medida que fui brincando com a Beatriz o riso dela foi-se intensificando, chegando a vocalizar aquilo a que a sabedoria popular chama o «riso dobrado». Nesta altura a mãe diz-me que é curioso, pois aquele tipo de rir, ela só o tinha demonstrado até então para a mãe e nunca para um estranho - “quer dizer, já não és bem um estranho”- e sorri. Ficámos

nesta brincadeira durante mais alguns minutos enquanto a mãe acabava o seu trabalho doméstico e se preparava para o seu compromisso. Passado pouco tempo despedi-me, voltando a deixar a Beatriz na sua cadeira virada para a televisão e tendo ido ao quarto ver o Victor que se manteve o tempo todo a dormir.

Comentários:

Pelo desabafar da mãe e pelo que já se tinha observado anteriormente, o pai parece ser uma figura pouco presente nesta família, não prestando o apoio e o suporte necessário à mãe nesta fase.

A Beatriz, quando fica sozinha com a observadora, pessoa que provavelmente sente mais disponível, sorri de uma forma que normalmente só sorri para a mãe. A mãe parece um pouco incomodada com esta situação, até pelo comentário que faz, mas logo de seguida tenta atenuar a situação.

A sétima observação (7ª observação, 6 meses), foi feita na praia, uma vez que numa das conversas que tive com a mãe, ela mostrou alguma vontade em ir com os bebés à praia, mas disse-me que sozinha seria muito complicado para os transportar – “gostava de sair muito mais com eles, mas é impossível conseguir transportar tudo de uma vez e não vou deixar um em casa, enquanto meto o outro no carro”. Disponibilizei-me para ir com ela, ficando acordado que iríamos assim que possível, desta forma, encontrámo-nos no sítio habitual. Subi para ajudar a trazer os bebés para o carro, já a mãe estava com tudo pronto para o passeio. Realmente não é tarefa fácil carregar um bebé três lances de escadas, muito menos dois, percebi um pouco a falta de vontade desta mãe em sair de casa. Chegámos ao carro, colocámos os bebés no banco de trás e seguimos viagem, rumo à praia mais próxima de casa.

Passados poucos minutos de ter começado a viagem os gémeos acabaram por adormecer e eu e mãe fomos conversando o resto da viagem, sobre a aproximação da entrada deles para a creche. Este assunto parece deixar a mãe um pouco preocupada e angustiada; o voltar à rotina do trabalho e o deixar os filhos entregues a estranhos.

Ao chegarmos à praia retirámos os bebés, que ainda dormitavam, do carro, colocámo-los no carrinho e fomos passeando junto à areia. O passeio foi calmo e sem muitas conversas, apenas comentámos a curiosidade das pessoas que passavam ao verem um

carrinho de gémeos. A mãe não pareceu muito incomodada com o facto de as pessoas tentarem espreitar e fazerem perguntas sobre os meninos.

Depois do passeio pela praia, parámos na esplanada de um café junto ao areal e nessa altura os bebés acordaram, a mãe colocou-se de frente para o carrinho e foi falando com eles enquanto eles sorriam. A mãe sentou-se numa cadeira e deixou o carrinho do seu lado, de forma a conseguir ver os bebés. Perante a curiosidade daqueles que passavam e espreitavam, a mãe foi muito simpática, já eles pareceram um pouco indiferentes às solicitações dos estranhos. Foi curioso o tamanho interesse das pessoas pelo facto de as crianças serem gémeas e as repetidas questões (É um menino e uma menina? Que giro! Quanto tempo têm? Quem é que dá mais trabalho?).

Comentários:

O silêncio esteve muito presente nesta observação, a mãe parecia estar a desfrutar os poucos momentos de sossego que iria ter, até voltar a casa. Só o interesse de quem passava e as perguntas dos mais curiosos quebravam esta calma.

Os gémeos estiveram sempre meio adormecidos, apenas reagindo à mãe quando ela os colocou de frente para si na esplanada.

O aproximar-se da entrada para a creche dos gémeos está a criar nesta mãe um sentimento de grande angústia, parecendo estar já a antecipar a separação.

A oitava observação (8ª observação, 6 meses e 15 dias), decorreu no primeiro dia de creche, durante a hora de ir buscar os meninos à creche, a pedido da mãe encontrei-me com ela lá. Estava extremamente stressada e preocupada em como teria corrido o primeiro dia, partilhando isso comigo, antes de entrarmos na sala dos gémeos. Entrámos na creche e percorremos o longo corredor que dava acesso à sala dos bebés, a mãe estava ansiosa, percorria o corredor com um passo acelerado. À medida que nos aproximávamos da sala conseguíamos ouvir os choros e os risos dos vários bebés, bem como a voz carinhosa da educadora tentando colocar um pouco de ordem na sala. O Victor estava ao colo da educadora, calmo mas um pouco assustado com todo o barulho à sua volta. Cumprimentámos a educadora e logo de seguida o Victor, ele sorriu ao ouvir a voz da mãe, e imediatamente a mãe pegou nele ao colo. A mãe perguntou pela Beatriz, que segundo a educadora, estava a dormir, mas deveria estar prestes a acordar. Dirigimo-nos à zona onde

ela dormia e podemos ver que já estava acordada e a movimentar-se na cama, assim que viu a mãe sorriu. A educadora retirou-a da cama, confirmou se entretanto ela teria sujado a fralda e passou-a para os meus braços, a mãe deu-lhe de imediato um beijo na testa e ela sorriu. De seguida, a mãe colocou algumas questões sobre como se tinham portado e se tinham estranhado os outros bebés ou as educadoras. A educadora disse-lhe que não, que tinha corrido tudo muito bem, que só o Victor se assustou algumas vezes com o barulho, mas que se portaram muito bem.

Visivelmente mais calma a mãe colocou-os no carrinho e dirigimo-nos à porta de saída, onde estava a avó dos meninos, - “não é preciso ajuda mãe, a Susana veio ajudar-nos”- disse-lhe a mãe e depois apresentou-me a avó dos meninos. Ainda ficámos um pouco à conversa, sobre os nervos da mãe e a ambientação dos bebés a este novo ambiente - “é uma etapa muito difícil para a mãe, é natural que custe um pouco, mas é necessário” diz a avó. De seguida a avó despediu-se e eu ajudei a mãe a colocá-los no carro e acompanhei-a até casa, para que não tivesse de subir sozinha com os bebés.

Estando todos em casa, despedi-me da mãe e combinámos novo encontro. Não quis prolongar mais a minha observação uma vez que era notório que tinha sido um dia muito difícil para a mãe que deveria ter uma grande vontade de estar só com os seus filhos.

Comentários:

Foi de certa forma, quase angustiante ver a ansiedade desta mãe na ida à creche, para ir buscar os bebés; o nervosismo ao entrar, o passo acelerado e as perguntas. Ainda que seja normal que as mães tenham dificuldade em lidar com esta fase de separação, esta mãe demonstra uma preocupação exacerbada.

Na nona observação (9ª observação, 7 meses), encontrei-me com a mãe à saída da creche e em seguida ajudei-a a colocar os bebés no carro e dirigimo-nos para casa.

A Beatriz estava muito bem-disposta, mas o Victor estava segundo a mãe «com a birra». Ao chegarmos a casa a mãe colocou-os na manta do chão da sala, a Beatriz estava sentada e o Victor deitado de barriga para baixo. A mãe brinca com a menina e ela sorri, enquanto ele olha para a câmara, mas durante pouco tempo, pois a certa altura ele desvia o olhar e olha para a mãe. A Beatriz olha para o irmão e toca-lhe, ele parece nem ligar - “olha a mana” - diz-lhe carinhosamente a mãe, mas ele também não reage, volta a olhar para

câmara e sorri. Enquanto isso, a Beatriz ora olha para o chão, ora olha para televisão - “chega, não há televisão para ninguém” - diz a mãe, dando um beijo à Beatriz, que olha para o irmão. O Victor continua de barriga para baixo batendo no chão, comportamento que a irmã acaba por replicar também. O Victor mexe-se freneticamente, tentando dar impulsos para a frente - “filho, anda para a frente” -, enquanto isso ele tenta alcançar um boneco que está na sua frente. A mãe alcança o boneco e coloca-o na sua frente e procura outro colocando-o na frente da Beatriz - “Vá, vá”. Ele alcança o boneco e a mãe vira a Beatriz para o outro boneco, ela fica a olhar para ele e enquanto isso o Victor bate com o boneco no chão. Neste momento a Beatriz olha para o irmão e para o boneco do irmão, a mãe tenta dar-lhe novamente outro boneco e desta vez ela agarra-o. Quando estão os dois sentados virados um para o outro e a mãe coloca a mão no meio dos dois por várias vezes - “ainda dás uma cabeçada no teu irmão” -, ao ouvir a mãe falar o Victor olha para ela.

A Beatriz coloca o boneco na boca, e uma vez que se encontra muito próxima do irmão toca-lhe e apoia-se nele para não cair, olham os dois para a câmara. “Daqui a pouco ela começa a reclamar porque ele lhe está a bater” -, neste momento a Beatriz olha para o boneco do irmão, - “ela está a ver qual é a melhor oportunidade para lhe tirar o boneco”.

Estavam os dois muito curiosos com a câmara e decidi aproximar-me, o Victor imediatamente toca na câmara e nessa altura a Beatriz consegue tirar-lhe o boneco da mão, ficando entretida com o boneco e o Victor com a câmara. Passada a curiosidade, o irmão ainda tenta tirar-lhe o boneco da mão, mas não sendo bem sucedido. A mãe fala com ele motivando-o a andar e ele sorri, nesta altura a Beatriz distrai-se e ele consegue recuperar o boneco e já com o boneco na mão, fica a olhar para as mãos da irmã, enquanto isso, a Beatriz olha para a câmara. Passado pouco tempo, ela afasta-se um pouco e fica a olhar para o irmão, agarrando noutra boneco, o Victor olha para ela e tenta tirar-lhe o boneco da mão. Ficaram nesta interacção durante algum tempo, olhando um para o outro e dividindo os bonecos, sem parecerem muito incomodados com a partilha. Fui-me embora deixando-os meninos a brincar.

Comentários:

A Beatriz parece mais desenvolvida a explorar o meio e mais curiosa com as coisas que a rodeiam. Mas mais uma vez não é gratificada pela mãe como faz com o Victor.

O Victor vai tentando com alguma dificuldade alcançar uma maior destreza, mas que a mãe acaba por boicotar, uma vez que lhe torna tudo acessível, como se verificou no caso da tentativa de alcançar o boneco.

Ao se encontrarem mais próximos a mãe sente necessidade de os separar com medo das consequências, são raras as situações em que os deixa interagirem.

A décima observação (10^a observação, 8 meses), decorreu um mês depois da anterior por impossibilidade da observadora. Como tinha acontecido na observação anterior, encontrei-me com a mãe na creche para a ajudar a trazer os meninos para casa. Colocámo-los no carro e dirigimo-nos a casa, subimos com os bebés e colocámo-los na sala, na manta que estava disposta no chão. Tanto eu como a mãe nos sentámos no chão e enquanto ela mudava a fralda ao Victor, que nesse dia estava um pouco rabugento e chorava, a Beatriz parecia muito curiosa com a minha presença, mexendo nos meus ténis e depois nas pernas da mãe. Nesta observação a Beatriz falou algumas vezes e de cada vez que o fazia, o irmão parava de chorar e recomeçava logo de seguida. Ela continuou muito curiosa, olhando à volta, tocando no chão, nos bonecos dispersos e em mim, a certa altura, aproxima a boca da minha perna e mama no meu joelho. Tenta trepar por mim acima e sorri olhando para a câmara, enquanto isto o Victor chora e a mãe decide colocar-lhe a chucha, que ele tira quase imediatamente começando a brincar com ela. A Beatriz continua muito curiosa, a certa altura olha para o chão e de rabo no ar tenta espreitar para o que está por detrás da câmara. O Victor continuava a chorar e a mãe tentava acalmá-lo brincando com ele, ele sorri, mas volta sempre a chorar. De tanto gesticular acaba por se virar e ficar com os braços em cima da irmã, olhando para a câmara. A mãe ausenta-se da sala e a certa altura ele pára de chorar, volta-se de barriga para baixo apoiado na irmã e consegue dar o impulso para se afastar, depois deste afastamento, a Beatriz procura-o indo na direcção dele e toca-lhe nas mãos, enquanto isto ele vira a cabeça para o chão e chora enquanto a irmã olha para ele. A mãe volta à sala para trocar as calças do Victor e no momento em que o faz, ele para de chorar, a mãe acaba de o vestir e coloca-o junto à irmã com um boneco no meio. Ficam ambos sentados frente a frente, muito direitos, apesar de o Victor ainda ter dificuldade em manter-se assim e precisar de ajuda. Não brincando, cada um com a sua extremidade do boneco. O Victor começa a falar e a gesticular muito e a certa altura quase que bate com as mãos na cara da irmã, ela larga o boneco e agarra na chucha, mas quase de imediato larga a

chucha e volta agarrar no boneco. Querem os dois agarrar na mesma parte do boneco, mas a disputa dura muito pouco tempo, pois largam os dois o boneco e a Beatriz agarra na chucha, enquanto o irmão procura outro boneco. A observação terminou com a mãe a pegar na Beatriz para lhe mudar a fralda à Beatriz, enquanto o Victor continuou entretido com os bonecos.

Comentários:

Na ausência da mãe, a Beatriz volta a procurar a observadora, desta vez através do contacto visual e do tacto, demonstrando desejo de partilha emocional, ainda que sorria e vocalize para a mãe quando esta está disponível. Tenta ligar-se a novas experiências, desligando-se da mãe. Não tendo obtido resposta, por parte da observadora, decide virar a sua atenção para o irmão, apoia-se nele e toca-lhe nas mãos, mas ele não parece nada interessado em retribuir a atenção.

7.2 – Análise Interpretativa das Observações

Importa antes de mais referir, que com toda a certeza, existem lacunas ao nível das observações, pelo facto de ser apenas um observador a realizar as observações, o que leva com toda a certeza à perda de alguma informação.

A observação da interacção permitiu-nos um olhar sobre a tríade, de forma a percebermos não só como se processa a interacção da mãe com os gémeos, mas dos gémeos entre eles, podendo também chegar às características individuais de cada um dos elementos.

No que diz respeito à mãe, a entrevista de investigação demonstrou-se essencial, permitindo-nos realizar uma análise e inferências acerca de situações que de outra forma não nos seriam acessíveis.

Para esta mãe, a transição de uma gravidez *planeada e muito desejada* para a maternidade gemelar foi mais conturbada do que o esperado, como verificámos pelos motivos referidos pela mesma - *muito complicados, a menina teve de ser operada, ao tal quisto de que falei, teve de ficar internada e vim para casa só com ele. Depois, passado algum tempo foi ele que teve de ir para o hospital porque não comia. Foram momentos muito complicados e em*

que senti um grande vazio, mas superou-se e agora está tudo bem. Tal como a mãe nos transmite, para ela todo este período, foi extremamente angustiante. Tal como foi, numa última fase das observações, que coincidiu com a entrada dos gémeos para a creche e conseqüentemente, no regresso ao trabalho da mãe. Em que esta demonstra uma grande tormento, antecipando de forma constante este acontecimento. Esta mãe por ter vivido em total função dos bebés, descorou de si própria, como era notório muitas vezes pelo seu aspecto, para além de que dificilmente saía e convivía com outras mães ou com outros bebés. Este comportamento parece ter dificultado ainda mais todo este processo natural, de separação mãe-bebés.

Parece ter existido uma incapacidade em superar esta crise inicial, fazendo com que a sua interacção com os gémeos fosse prejudicada, pelo não estabelecimento de uma *preocupação materna primária* (Winnicott, 1975), apresentando uma falha da adaptação gradual (Winnicott, 1949). Demonstra-se extremamente insegura no que respeita às suas competências, procurando sempre um reforço positivo na observadora - *eu, sei lá... acho que para mãe de primeira viagem e logo com dois, até que estou a desenrascar-me muito bem, o que achas?* Esta insegurança parece-nos estar, também, intimamente ligada ao facto de ser primípara e mãe de gémeos.

Outro factor que parece ter prejudicado a interacção, foi a impossibilidade de amamentar a peito, fazendo com que esta mãe fosse incapaz de pegar nos bebés estabelecendo, uma posição face a face. No seu colo, os bebés parecem não sentir o conforto e a sensação de segurança essencial para uma “disponibilidade vinculadora” (Sá, 2003a). É nesta posição, face a face, que o bebé e a mãe têm, uma das poucas oportunidades de comunicação visual durante o dia de actividade materna, ainda mais quando se trata de gémeos.

“Um berço não é bem uma cama fofa e movível. Um berço é o enamoramento a dois, que vai do brilho dos olhos ao fundo da alma” (Sá, 2008). Foram muito raras as vezes em que se observou esta mãe pegar nos seus filhos ao colo. Talvez pelo facto de serem dois e de ser difícil dosear igualmente o colo e, também, na tentativa de que eles não se habituassem a ele, por incapacidade de, posteriormente, se dar colo a dois bebés ao mesmo tempo. Ainda assim, parece ser essencial pegar ao colo, estabelecer o contacto através da superfície das experiências, a pele (Anzieu, 1985), sendo que numa fase inicial, mais do que em qualquer

outra fase do desenvolvimento, é muito importante tocar, falar, embalar e estar em sincronia com o bebé (Brazelton, 2007), num pele a pele, que permite um bom desenvolvimento do invólucro psíquico (Bick, 1967).

O trabalho desta mãe seria bastante mais facilitado e conseqüentemente, talvez mais adequado, na presença de um pai suporte, “o pai apoia a mãe na maternidade, ajuda-a na sua função reforçando a sua auto-estima e procurando o seu bem-estar. Ele ajuda-a na sua autoridade, por encarnação da lei e da ordem, valores que a mãe introduz na vida da criança. O pai é necessário pelas suas qualidades positivas e pelos elementos que o diferenciam dos outros homens. A paternidade é reconhecer a criança como sua e a mulher como mãe” (Winnicott 1980, cit. in Leal, 2005). Este pai é quase inexistente na diade - *Ui...ele tem muito pouco tempo disponível, quase não está em casa e quando chega vem muito cansado, ainda tenta brincar com os meninos, mas nem sempre eles estão dispostos naquele momento a brincar. Mas é um pai babado, sem dúvida.* Podemos dizer que o pai não é parte integrante deste triângulo relacional, pela sua indisponibilidade, impossibilitando assim o estabelecimento da *Unidade Originária* (Pérez – Sánchez, 1998). É suposto que quando a mãe contempla o bebé, tenha presente o pai e vice versa, para que quando o bebé contemple um deles tenha sempre presente o outro (Rosa, 2006).

Em relação aos gémeos, é evidente uma atitude diferenciada por parte da mãe, ainda que inconscientemente - *brinco muito com os dois, mas ele normalmente reage mais à brincadeira, ela é muito sossegadinha e ele é todo espevitado. Mas no geral a relação é igual, tento dar a mesma atenção aos dois e brincar com eles da mesma forma.*

Na entrevista, a mãe, ao ser questionada sobre qual o sexo que idealizava para o filho, responde - *um menino, sempre brincámos com o facto de irmos fazer um menino* – uma representação do bebé imaginário que não correspondeu, totalmente, à representação real. Sendo, talvez por isto, notório que exista uma maior interacção e uma maior proximidade ao bebé do sexo desejado, não permitindo que, com o outro se estabeleça o envolvimento afectivo esperado, com o desenvolver da *Constelação Materna*, durante a gravidez (Stern, 1995).

A realidade é que quase sempre a mãe fala directamente para o Victor, ainda que não ignore a Beatriz deixa-a algumas vezes à margem. Por exemplo se verificarmos os nomes que

a mãe utiliza para os apelidar quando interage com eles. O Victor é quase sempre «o bebé da mãe», o «filho» e a Beatriz «gorda safada», «manhosa», «má», «princesa», ainda que princesa seja um nome carinhoso, parece demasiado distante. A mãe parece não saber lidar tão bem com ela por ser do sexo feminino, o que se pode justificar pelo facto de a mãe nos dizer - *bem, eu sou a menina do papá, dou-me muito bem com a minha mãe, mas o meu irmão é que tem uma afinidade maior com ela. Sempre fui a rebelde, a maria rapaz e o meu irmão sempre foi muito mais protegido. O meu pai sempre quis um filho com carreira militar, neste caso fui eu que segui essa carreira e não o meu irmão, o que talvez tenha ajudado à relação que tenho com o meu pai.* Estudos referem que o tipo e a qualidade da representação mental que a mulher tem da sua mãe permite-nos antever o tipo de vinculação que esta estabelecerá com os seus filhos, em suma, representações mentais de interacções passadas servem de guia a interacções presentes (Main, 1985, cit. in Marques, 2003). A mãe parece ter muito mais facilidade em relacionar-se com homens, estando inclusivamente numa profissão mais masculina do que feminina. As próprias brincadeiras que a mãe tem com a Beatriz, visíveis na segunda observação, são brincadeiras masculinizadas, como a boxe, pouco comum quando brincamos com uma menina. Tal como referia Stern (1995), a vida fantasmática da mãe assume um papel de grande importância no desenvolvimento psíquico do bebé.

Ao nível das aquisições, cada gémeo possui um comportamento individual, tendo este aspecto repercussões na qualidade e quantidade das interacções estabelecidas.

A Beatriz apresenta uma extrema necessidade de exploração do meio e do outro, de forma, a que este lhe proporcione aquilo que a mãe não é capaz de lhe proporcionar. Ao verificar que a mãe não é um continente (Bion, 1963) para as suas necessidades, por não ser capaz de transformar os seus elementos *beta* em elementos *alfa*. Desta forma solicita a observadora, tentando encontrar nela a disponibilidade, de lhe fornecer uma resposta adequada, que não encontra na mãe. A procura que efectua nas últimas observações demonstra já alguma consistência e intencionalidade (Brazelton, 2007). Demonstra-se muito mais autónoma e interactiva do que o irmão, para além de que apresenta uma maior facilidade em sentar-se, virar-se e pegar nos objectos.

No caso do Victor, a atenção da mãe está quase toda virada para si e para as suas necessidades, podendo verificar por exemplo, que sempre que é bem sucedido, o Victor é gratificado, o mesmo não acontecendo com a Beatriz – *faz como o mano*. Esta sobreprotecção,

dificulta-lhe a tarefa de exploração e de interacção com o outro. Parece reagir maioritariamente aos estímulos da mãe, inclusivamente pelas respostas através do palrar. Comportamento que pouco se verificou na Beatriz, apesar de aos sete meses ele já ser esperado (Brazelton, 2007), provavelmente, por não ter sido suficientemente estimulada. Como foi referido, os pais de gémeos têm menos tempo para falar exclusivamente com cada um dos bebés, mas neste caso, parece-nos que este não é o único motivo a prejudicar a interacção.

“A génese do vínculo está indubitavelmente ligada, de facto, ao jogo visual” (Gomes-Pedro, 2006, p.15) e como foi referido por Brazelton (2001), os pais são os responsáveis pelo início da interacção. Cabe à mãe proporcionar ao bebé o início dos comportamentos interactivos, desenvolvendo assim uma «sintonia selectiva», ou seja, o bebé desde muito cedo, e através do jogo e da brincadeira, vai fazendo uma leitura emocional acerca do modo como é olhado pela sua mãe: através das interacções emocionais recíprocas, vai assim descobrindo o território do sentir, do efeito das suas emoções na mãe, reconhecendo o início das suas intenções e dos seus desejos na relação de reciprocidade.

Ao nível da relação entre os dois, ela parece quase inexistente, apesar das tentativas da Beatriz que tenta explorar o irmão, este parece não ter qualquer tipo de curiosidade. O facto de raramente a mãe os colocar em contacto e os separar nas raras vezes em que estão, actua aqui quase como um factor parasita nesta relação, não permitindo que eles se vinculem um ao outro como seria de esperar. *“Não sei se consigo descrevê-la, não me parece que eles interajam muito, de vez enquanto olham um para o outro e sorriem, mas não reparo em mais nada, também ainda não tão na fase de brincar, não é?”*

“Os pais observam este caso amoroso com a sensação, não verbalizada e muitas vezes inconsciente, de estarem a ser excluídos” (Brazelton & Sparrow, 2007). Esta mãe poderá ter sentido o aproximar desta exclusão e ainda que de forma inconsciente tentou evitar que ela acontecesse não os estimulando a interagirem.

A mãe é capaz de iniciar as interacções, demonstrando alguma capacidade de *reverie* (Bion, 1991, cit. in Sá, 2003a), *ainda* que algumas vezes não respeite os ritmos dos bebés. Estes pequenos desvios no desrespeito por estes ritmos podem, muitas vezes, criar uma não contingência e gerar o caos para o bebé (Brazelton e colaboradores, 2001). Vocalizações,

sorrisos e movimento dos olhos sucessivos, são essenciais nesta fase para o início da vinculação. Contudo, o facto de esta tarefa começar invariavelmente com a mãe e os bebés a olharem um para outro, é dificultada pelo facto de se terem de olhar dois bebés ao mesmo tempo. Podendo, por isso, correr-se o risco de que, se o olhar for desviado, pelo menos nessa oportunidade, a brincadeira cessará e só se iniciará quando os olhares se reencontrarem novamente.

É neste jogo interactivo comunicacional que o bebé poder-se-á organizar psiquicamente num espaço e num tempo relacional porque é promotor de um ritmo de interacções coerentes e previsíveis, favorecendo a expansão e a complexidade de novas experiências emocionais e de novas aprendizagens cognitivas no bebé (Stern, 1980). *“Sorriem muito quando brinco com eles e ele palra muito...ela adere às minhas brincadeiras, mas é mais “snob” (sorri), não palra, apenas sorri. Quando me ausento é muito raro chorarem, mas quando estou e não lhes ligo, eles tentam chamar a minha atenção.*

O facto de se cuidarem duas crianças ao mesmo tempo, exige uma preparação muito maior por parte das mães, para que não existam falhas com nenhuma das crianças. A tarefa dos pais é amar o seu bebé, como único (Lourenço, 2009).

Talvez seja uma utopia pensar que, realmente é possível cuidar de igual forma, ou melhor, prestar o mesmo tipo de atenção a duas crianças ao mesmo tempo. De cada vez que estamos a agir naturalmente com um bebé, seja, na muda da fralda, na mamada ou no banho, já estamos a individualizar a atenção. Estes momentos de partilha e intimidade, geram um mundo de trocas de confiança e respeito, assentes na comunicação não verbal, que esta mãe não consegue proporcionar aos dois bebés.

A dificuldade nesta tarefa empática, por parte da mãe, parece ser um dos motivos, que leva, pelo menos uma das crianças, a não conseguir olhá-la como um espelho de forma a observar o seu reflexo, como *uma mãe suficientemente boa* (Winnicott, 1960b).

Considera-se que os pontos de vista expressos neste trabalho, são conclusões que não podem, nem será esse o objectivo, ser utilizadas em estudos comparativos ou generalizações, uma vez que foi realizado apenas com uma tríade. Pode contudo, ser uma fonte para gerar novas hipóteses, abordagens e conceptualizações sobre o tema.

Surgem num contexto de descoberta, muito mais do que de validação, procurando progredir nesta área, nomeadamente, através de estudos longitudinais abrangentes a uma população representativa. Sendo possível que as experiências individuais sejam efectivas formas de comunicação e de transmissão de conhecimentos, possibilitando dessa forma que exista uma prevenção da psicopatologia e promover a saúde.

Espera-se que as observações possibilitem também a função terapêutica, na medida em que promovem a receptividade, a atenção e o pensamento da observadora, de forma, a que, estas capacidades permitam uma aproximação progressiva da experiência emocional, do bebé com o seu mundo. Em suma, espera-se que esta aproximação mais atenta seja uma ferramenta para a prática clínica, tanto com bebés, como com crianças, adolescentes, adultos ou idosos, em situações de risco, ou não.

*Do mundo afectivo de seus pais,
o bebé deverá receber amor,
pois é no amor que se desenvolvem e se controem
os alicerces relacionais que fundam
o psiquismo relacional humano.*
(Lourdes Lourenço, 2009, p. 16)

8 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Um bebé é algo que não existe sozinho,
ele faz essencialmente parte de uma relação.*

(Winnicott, 1975, pp.107)

As crianças são um património de valores de uma nação, mas todas elas são dependentes do investimento que a família e a sociedade faz no seu crescimento harmónico (Ferreira, 2002).

Parece-nos por isso, cada vez mais importante que os pais cresçam com o seu bebé, o conheçam e se relacionem com ele. Ajudá-los a criarem respostas mais eficientes e adaptativas, facilitando o desenvolvimento global da criança. Que sejam capazes de ler o que ele sente, que partilhem do seu estado mental, procurando assim uma maior qualidade na relação.

Importa informar os pais das reais competências do recém-nascido, favorecendo a referida adaptação. Brazelton (1998) diz-nos que ao aceitar-se a preocupação dos pais estamos a dar-lhes a possibilidade de uma solução, que ao ser encontrada permite à família tornar-se mais forte e mais apta a lidar com as crises inerentes ao desenvolvimento da criança e da própria estrutura familiar.

Como já foi referido anteriormente, é na família e nos laços nela estabelecidos que a criança se vai estruturando e vai construindo o seu ser. Devemos desta forma pensar numa educação parental, passando pelo relacionamento com um profissional compreensivo e disposto a ouvir, com quem os pais possam expor as suas preocupações, e assim, livrar-se das suas defesas e tornarem-se capazes de perceber que os fantasmas da sua infância se reflectem no comportamento da criança e fazem dela um problema familiar (Castro, 2000).

Se numa família com um único bebé estas questões são de extrema importância, elas serão preponderantes no caso de uma família da qual fazem parte gémeos. Se pensarmos bem, este é um tema que está cada vez mais actual na nossa sociedade. O consequente atraso na primeira gravidez leva a que cada vez mais gravidezes gemelares ocorram, daí que seja essencial uma elucidação psicológica para a relação com filhos gémeos. Ser mãe e pai de gémeos exige uma maior preparação por parte de todos os intervenientes da diade, para que a

atenção possa ser correctamente dividida de forma, a que, nenhum dos dois bebés se sinta desamparado.

A mãe tem neste “triângulo” um papel muito desgastante e que não pode ser ignorado, é essencial que as suas necessidades também sejam tidas em conta, para que possa desempenhar correctamente o seu papel, caso contrário, isso pode influenciar o seu desempenho enquanto mãe e também enquanto de mulher. Como em todas as famílias, mas nestas principalmente, o pai tem um papel fulcral, de base, de suporte e de mediação entre os filhos e a mãe.

Como técnicos de saúde mental, cabe-nos observar e intervir em situações em que são notórias as interrupções nas competências do bebé, ajudando os pais a serem pais e o bebé a ser bebé. Avaliar a sintonia que envolve o bebé e os seus parceiros mais significativos, procurando a construção de um sentimento de pertença e de um ambiente lúdico de felicidade. Segundo Gomes-Pedro (2006), este tipo de intervenção permite a prevenção de futuras psicopatologias, tanto na infância, como na idade adulta. Porque, como disse Coimbra de Matos (2006), não há psicopatologia alguma que não radique, de certa maneira, em defeitos ou desvios do afecto na relação.

Será assim benéfica a eleição deste método de investigação sempre que a observação for o nosso método de estudo e o desenvolvimento psíquico do bebé no contexto das relações, o nosso objecto de trabalho (Lourenço, 2005). Essencial até do ponto de vista crítico, uma vez que a grande maioria das teorias ligadas ao bebé não foram resultado da observação.

Esta é considerada a metodologia de estudo mais próxima da atitude clínica, ou seja, mais próxima dos sujeitos que observamos. Para além de que não nos podemos esquecer que a intersubjectividade é o paradigma actual, sendo extremamente importante a leitura do que estamos a sentir e igualmente do que o outro está a sentir, a criação de uma função empática.

No que diz respeito à contra-transferência permite-nos saber o que o observador está a sentir e ajuda-nos no estabelecimento de uma maior empatia com o outro. O observador participa nas trocas, é parte integrante daquilo que está a observar, é na minha opinião, impossível ser-se totalmente neutro e não nos deixarmos envolver na relação que estamos a observar. Provavelmente se não o fizéssemos, talvez a grande riqueza deste tipo de trabalhos fosse abalada. Por tudo o que foi referido o Método de Esther Bick resulta numa experiência única e de grande intensidade emocional, podendo suscitar todo o tipo de reacções.

Não podemos, contudo, deixar de falar nesta questão como sendo uma limitação inerentes a este tipo de estudo. O seu fundamento reside ao nível do olhar interpretativo, levando a que a subjectividade seja parte integrante da sua análise. Sendo que esta intersubjectividade pode ser pensada pela supervisão, mas que no presente estudo não foi possível, tendo sido as únicas discussões geradas em conversas informais com colegas.

O estudo de caso, surge desta forma como um complemento e um aprofundamento de questões de forma, a que, a partir daí, se gerem novas pistas que ajudem não só na intervenção, mas igualmente na prevenção, sendo estas de importância extrema no futuro da qualidade de vida da nossa sociedade.

“Pensando bem, a linha limite entre o eu e o outro é tão essencial como é difícil de definir e os gémeos parecem trazer ao mundo a encarnação dessa ambivalência. Será, talvez, por isso que habitam os mitos da antiguidade e as constelações, mas preocupa-me o pouco que se sabe sobre eles, os estereótipos e os clichés que prevalecem”, Maria Clara Paulino (2001).

Talvez aqui resida uma das justificações para a necessidade de existirem novos estudos neste âmbito, os gémeos, as suas especificidades psicológicas e do seu desenvolvimento, desde uma idade precoce, e não os mitos e idéias erradas que circulam.

Importa que se estude igualmente, o impacto existente numa mãe de gémeos ou num pai de gémeos e na sua dificuldade na entrada nesta relação, que está longe de ser uma simples triangulação.

Outra questão interessante a ser estudada, seria do ponto de vista da auto-imagem. Como se percebem estes irmãos, como se vêem, como se sentem ao ver, a sua imagem, sem que para isso seja necessário um espelho: “ ‘Eu sou a única pessoa aqui que me vejo a mim própria sem ser ao espelho!’ - ‘ Não, não és, reclama Sara, ‘eu também consigo. E mais, vejo-te a ti ao mesmo tempo!’ – ‘Eu também’, respondeu Laura, agora com menos entusiasmo, como se, de repente, não conseguisse decidir se isso era, afinal, uma coisa boa ou uma fatalidade” (Paulino, 2001). Como se verifica pela citação, os gémeos têm alguma dificuldade em individualizarem-se, em deixarem de sentir que se podem ver, como que em espelho no outro.

Assim, tudo começa na relação. Tudo é relacional!
(Coimbra de Matos, 2006, p.42-51)

9 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alegra, S., Simões, T., Sousa, M. (1996). Gravidez Gemelar – A propósito de Três Casos Clínicos. *Clínica em Obstetrícia e Medicina Materno-Fetal*. Nº3, Vol. 4 Set. 1996.
- Anzieu, D. (1985). *Le Moi-Peau*. Paris: Dunod.
- Athanassiou, C. (1986). A Study of the Vicissitudes of Identification in Twins. *International Journal of Psycho-Analysis*, 67, 329-334.
- Bayle, F. (2005). A parentalidade. In I. Leal, & C. Faria (Eds.), *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade* (pp. 317 – 346). Lisboa: Fim de Século.
- Bayle, F. (2006). *À Volta do Nascimento*. Climepsi.
- Bick, E. (1964). Notes on infant observation in psychoanalytic training. *International Journal of Psychoanalysis* 45, 558-566.
- Bick, E. (1967). Experiência da pele em relações de objecto arcaicas. In E. Spillius (Eds.) *Melanie Klein hoje: desenvolvimento da teoria e da técnica, Vol. I.* (pp. 194-198). Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- Bion, A. (1963). *Elementos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Boyer, J. P. & Porret, Ph. (1987). L'Échographie Obstétricale: premières remarques à propôs d'un changement épistemologique. *Neuropsychiatrie de l'Énfance*, 35 (8-9), 325-330.
- Bowlby, J. (1976). A natureza da ligação da criança à mãe. In L. Soczka (Ed.), *As ligações infantis* (pp. 105 – 153). Lisboa: Livraria Bertrand.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura para o apego: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas

- Bowlby, J. (1990). *Apego e Perda: Triologia* (2ª Ed.). S. Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1998). *Secure base: clinical applications of attachment theory*. London: Routledge.
- Bleichmar, N. M. & Bleichmar, C. L. (1992). *A Psicanálise depois de Freud – Teoria e Clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton, T. B. (1988). *O desenvolvimento do apego: uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton, T. B. (2007). *O Grande Livro da Criança*. Editorial Presença. 73-146
- Brazelton, T. & Cramer, B. (2001). *A Relação Mais Precoce: Os pais, os bebés e a interação precoce*. Lisboa: Terramar.
- Brazelton, T. & Sparrow, J. (2007). *O Método Brazelton: Compreender as Relações Entre Irmãos*. Editorial Presença. 117-121
- Burlingham, D. (1946). Twins-Observations of Environmental Influences on their Development. *Psychoanalytical Study Child*, 2, 61-73.
- Bryan, E. (2003). *Gémeos, Trigémeos e Mais...* Coimbra: Quarteto.
- Castro, S. (2000). *Preocupações Parentais: Proposta de uma escala de avaliação*. Tese de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa.
- Chbani, H. & Pérez-Sánchez, M. (1998). *O Quotidiano e o Inconsciente – O Que se Observa Torna-se Mente*. Lisboa: Climepsi.
- Colman, L; Colman, A. (1991). *Gravidez. A Experiência Psicológica*. Edições Colibri.

- Coimbra de Matos, A. (2002). O Desespero. Climepsi Editores. 165-167
- Coimbra de Matos, A. (2006a). Entre Memória Emocional e Memória Semântica: Mito Pessoal do Bebê. In C. Rosa & S. Sousa (Coor.), *Caderno do Bebê* (pp.41-52). Lisboa: Fim de Século
- Coimbra de Matos, A (2006b). *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*. Climepsi Editores. 199-211
- Davison, S. (1992). Mother, Other and Self-Love and Rivalry for Twins in their First Year of Life. *International Review of Psycho-Analysis*, 36, 45-70.
- Dias, L.; Braga, J.; Jorge, C. (1996). Gestação Tripla e de Ordem Superior. *Clínica em Obstetrícia e Medicina Materno-Fetal*. Nº3, Vol.4 Set. 1996
- Fernandes, O. (2002). *Semelhanças e Diferenças entre Irmãos*. Lisboa: Climepsi.
- Ferreira, T. (2002). *Em Defesa da Criança – teoria e prática psicanalítica da infância*. Lisboa: Assírio e Alvim
- Figueiredo, B. (2001). *Mães e bebês*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para Ciência e a Tecnologia.
- Figueiredo, B. (2003). Vinculação materna: Contributo para a compreensão das dimensões envolvidas no processo inicial de vinculação da mãe ao bebê. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 3 (3), 521 – 539.
- Figueiredo, B., Marques, A., Costa, R., Pacheco, A., & Pais, A. (2005). Bonding: Escala para avaliar o envolvimento emocional dos pais com o bebê. *Psychologica*, 40, 133 – 154.

- George, C., & Solomon, J. (1999). Attachment and caregiving: The caregiving behavioral system. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 649 – 670). New York: The Guilford Press.
- Gomes-Pedro, J. (2006). O Brincar e o Bebê. In C. Rosa & S. Sousa (Coor.), *Caderno do Bebê* (pp. 12-22). Lisboa: Fim de Século
- Greenberg, J.; Stephen, M. (2003). *Relações de Objecto na Teoria Psicanalítica*. Lisboa: Climepsi.
- Grolnick, M. D. (1993). Mãe e bebês winnicottianos. In M. D. Grolnick, Winnicott – O trabalho e o brinquedo: uma leitura introdutória (pp. 48-77). Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- Guedeney, N., Guedeney, A. (2004). *Vinculação: Conceitos e Aplicações*. Lisboa: Climepsi
- Honrado, A. (2001). *Adaptação Materna a uma Situação de Nascimento Múltiplos*. Tese de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Houzel, D., Emmanuelli, M. & Moggio, F. (2004). *Dicionário de Psicopatologia da Criança e do Adolescente*. Lisboa: Climepsi.
- Klaus, M. H., Kennell, J. H., & Klaus, P.H. (2000). *Vínculo: Construindo as bases para um apego seguro e para a independência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Klaus, M., & Kennell, J. (1976). *Maternal-infant bonding*. Saint Louis: Mosby Company.
- Kohut, H. (1971). *Análise do self*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- Leal, I. (2005). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Lisboa: Fim de Século. 317-346

- Lourenço, L. (2005). *O Bebê no Divã*. Desenvolvimento emocional precoce: amar e pensar com o bebê e os seus pais. Coimbra: Almedina.
- Lourenço, L. (2009). *Ser bebê tornar-se pessoa – afectos comemorativos*. Coimbra: Almedina.
- Lytton, H., Singh, J., Gallagher, L. (1992). Parenting Twins In Bornstein, M., Born, D. *Handbook of Parenting: Children and Parenting*. Vol.1
- Maldonado, M. (1997). *Psicologia da Gravidez, Parto Puerpério*. Editora Saraiva.
- Marques, C. (2003). Depressão Materna e Representações Mentais. *Análise Psicológica*, 1 (), 85-94.
- Mazet, P. & Stoleru, S. (2003). *Psicopatologia do Lactente e da Criança Pequena*. Lisboa: Climepsi.
- Mioque, D. (2004). Aspectos Transculturais do Conceito de Vinculação. In Guedeney, N., Guedeney, A. (2004). *Vinculação: Conceitos e Aplicações*, (pp.64-70). Lisboa: Climepsi.
- Meffre, P. (2005). René Spitz. In Golse, B. *O desenvolvimento afectivo e intelectual da criança*, (pp.69-76). Lisboa: Climepsi.
- Montagner, H. (1993). *A Vinculação – A Aurora da Ternura*. Epigénese e Desenvolvimento. Instituto Piaget.
- Mortimer, S. (1992). The Emotional Pitfalls of Multiple Pregnancy. Parenting Twins. In Bornstein, M.; Born, D. *Handbook of Parenting: Children and Parenting*. Vol.1
- Orr, D. (1941). Estudo de Caso: Reencontro de um Paradigma Perdido? *Revista Portuguesa de Educação*, 7, (1-2), 127-135.

- Patinho, T. (2006). *Massagem do Bebê: A Troca para Além do Toque*. In C. Rosa & S. Sousa (Coor.), *Caderno do Bebê* (pp.41-52). Lisboa: Fim de Século
- Paulino, M. (2001). *Danças com Gémeos*. Coleção Saúde e Sociedade. Quarteto.
- Pedinielli, J.-P. & Rouan, G. (2005). A Entrevista de Pesquisa. In Cyssau, C. (Ed.). *A Entrevista em Clínica*, (pp. 105-112). Lisboa: Climepsi.
- Pérez-Sánchez, M. (1986). *Observación de Niños*. Barcelona: Paidós.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R. S., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 17 (3), 303 – 314.
- Piontelli, A. (1995). *De Feto a Criança: Um Estudo Observacional e Psicanalítico*. Imago.
- Piontelli, A. (2002). *Twins: From Fetus to Child*. London: Routledge.
- Rosa, C. (2006). A Separação: Pressuposto Fundamental da Unidade Originária. In C. Rosa & S. Sousa (Coor.), *Caderno do Bebê* (pp.41-52). Lisboa: Fim de Século
- Sá, E. (2003a). *Psicologia do Feto e do Bebê*. Fim de Século.
- Sá, E. (2003b). *Textos com Psicanálise*. Lisboa: Fim de Século.
- Sá, E. (2004). *A Maternidade e o Bebê*. Edições: Fim de Século.
- Sá, E. (2008). *Chega-te a mim e deixa-te estar: textos com psicologia*. Climepsi Editores. 155-171.

- Sá, E. & Cunha, M. J. (1996). *Abandono e Adopção. O nascimento da família*. Coimbra: Almedina.
- Sandri, R. (1989). Les apports de l'observation directe selon Esther Bick a l'approche psychothérapeutique. *Neuropsychiatrie de l'enfance et l'adolescence*, 10-11, 490-499.
- Sousa, S. (2004). *Estilos de Comunicação Pais-Bebé*. Lisboa: Climepsi.
- Sousa, S. (2006). Cavidades de Sonhos. In C. Rosa & S. Sousa (Coor.), *Caderno do Bebê* (pp.29-35). Lisboa: Fim de Século
- Stern, D. (1980). *Bebé-mãe: Primeira relação*. Lisboa: Moraes Editores.
- Stern, D. (1992). *O Mundo Interpessoal do Bebê*. Uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento. Porto alegre. Artes Médicas.
- Stern, D. (1995). *The motherhood constellation*. New York: Harper Collins.
- Vasconcelos, A. (2000). *O Bebê do Limbo*. Tese de Mestrado apresentada ao Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Winnicott, D. (1951). Objetos transicionais e fenómenos transicionais. In D. Winnicott, *O Brincar e a Realidade* (pp. 13-44). Rj: Imago Editora, 1971.
- Winnicott, D. (1960a). Ego distortion in terms of true and false self. In D. Winnicott, *The Maturational Process and the Facilitating Environment* (pp. 140-152). New York: Int. Univ. Press, 1965.
- Winnicott, D. (1960b). The theory of the parent-infant relationship. In D. Winnicott, *The Maturational Process and the Facilitating Environment* (pp. 37-55). New York: Int. Univ. Press, 1965.

- Winnicott, D. (1967). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In D. Winnicott, *O Brincar e a Realidade* (pp. 153-162). Rj: Imago Editora, 1971.
- Winnicott, D. (1971). O Brincar: A actividade criativa e a busca do Eu (self). In D. Winnicott, *O Brincar e a Realidade* (pp. 79-93). Rj: Imago Editora, 1971.
- Winnicott, D. (1975). *L'enfant et le monde exterior*. Paris: Payot.
- Winnicott, D. (1983). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1960.
- Yin, R. K. (1992). *Case study research design and methods*. London: Sage.

10 - ANEXOS

CARTA DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Susana Isabel Pires Bicho, finalista de Mestrado Integrado do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (I.S.P.A.), solicita a participação de _____ para realização de um projecto que tem como objectivo perceber as relações entre gémeos e suas figuras de referência, durante os primeiros oito meses de vida.

O estudo pressupõe a observação dos comportamentos dos dois gémeos em interacção com os cuidadores e mútua, nomeadamente ao nível dos cuidados básicos (banho, muda de fralda, amamentação e brincadeiras).

Através deste estudo esperamos conhecer um pouco mais sobre o comportamento entre irmãos gémeos e com as suas figuras de referência.

A participação terá início no último trimestre de gestação e prolongar-se-á até ao oitavo mês de vida dos gémeos. O estudo será feito através da observação na habitação familiar e serão também realizadas filmagens como método auxiliar.

Todos os dados são confidenciais e, quando apresentados, estarão correctamente codificados de modo a que só a investigadora saiba a que intervenientes pertencem. Esta compromete-se ainda a nunca disponibilizar as informações para quaisquer fins, apenas podendo estas ser utilizadas sob forma de codificação. Pede-se contudo que as filmagens possam ser utilizadas na posterior apresentação do estudo, ainda que não na sua totalidade.

Compreendo que não existem custos, riscos ou desconfortos de qualquer tipo, previstos para mim. Declaro que li todas as informações acima referidas e que recebi explicações sobre a natureza, objectivos e benefícios do projecto. Assumo conscientemente o envolvimento e compreendo que posso retirar o meu consentimento e interromper a participação a qualquer momento.

Receberei uma cópia desta carta.

A Investigadora

A Colaboradora

Data _____

Entrevista de Pesquisa

1 - A gravidez foi planeada?

“Sim, foi uma gravidez planeada e muito desejada.”

2 - Como reagiu quando o médico confirmou que a gravidez, era de facto gemelar?

“Com muita surpresa, receios e alguma curiosidade.”

3 - Como fantasiava a gravidez gemelar?

“Nunca tinha pensado nessa hipótese antes.”

4 - Como reagiu a família?

“A família achou imensa piada ao facto de serem gémeos, mas acima de tudo estavam contentes por saberem do nosso desejo.”

5 - Qual era o sexo desejado para o bebé?

“Um menino, sempre brincámos com o facto de irmos fazer um menino.”

6 - Os nomes foram escolhidos logo na gravidez?

“Sim, o do menino já estava escolhido à muito tempo e o da menina surgiu depois, mas ainda numa fase inicial da gravidez.”

7 - Realizou muitos exames durante a gravidez?

“Os normais (acho eu!), as três ecografias, electrocardiogramas, sei lá,... Ah, fiz alguns exames por causa de um quisto que a menina tinha no intestino. Foi só.”

8 - O que sentia durante as ecografias, ao ver os bebés no monitor?

“Sinceramente não posso dizer que via muita coisa, ou melhor, que entendia bem onde estava o quê (sorri), mas sentia uma curiosidade muito grande em ver como seriam os meus bebés fisicamente.”

9 - Quem as acompanhava às consultas?

“Normalmente ia sozinha.”

10 - Durante a gravidez tinha algum receio?

“Sim, pensei muito acerca do parto, principalmente pelo facto de serem dois.”

11 - Como se sentiu durante a gravidez? A nível emocional?

“Senti-me bem, não tive grandes oscilações de humor, nem nada semelhante.”

12 - Lembra-se de algum sonho durante a gravidez?

“Não nenhum...”

13 - Tinha alguma dificuldade em adormecer?

“Sim, cheguei a uma fase em que já não tinha posição para dormir e doíam-me muito as costas.”

14 - Durante a gravidez, conseguia diferenciá-los no ventre?

“Sim, o médico explicou-me em que posição estavam e eu conseguia senti-los, os pés, a cabeça, os braços, tudo.”

15 - Havia um bebé que sentia mais que o outro?

“Não, sentia-os de igual forma.”

16 - Conseguia imaginar os bebés?

“Claro que fantasiava com o aspecto que teriam, mas era tudo muito vago.”

17 - Como foi a experiência do parto?

“Horível! Tão depressa não me apanham noutra (sorri).”

18 - O que significou para si estar grávida?

“A realização de um grande desejo...”

19 - Colocaram os bebés consigo logo após o nascimento? O que sentiu?

“Sim, durante muito pouco tempo. Recordo-me acima de tudo do cheiro deles, senti-me muito feliz e aliviada por vê-los ali, aos dois bem, saudáveis.”

20 - Como se sentiu no momento da separação?

“O aparato era muito grande e eu estava muito cansada.”

21 - Como foram os primeiros dias dos bebés em casa?

“Muito complicados, a menina teve de ser operada ao tal quisto de que falei, teve de ficar internada e vim para casa só com ele. Depois passado algum tempo foi ele que teve de ir para o hospital porque não comia. Foram momentos muito complicados e em que senti um grande vazio, mas superou-se e agora está tudo bem.”

22 - Como se descreve enquanto mãe?

“Eu, sei lá... acho que para mãe de primeira viagem e logo com dois, até que estou a desenrascar-me muito bem, o que acha?”

23 - Como descreve o seu marido como pai?

“Ui...ele tem muito pouco tempo disponível, quase não está em casa e quando chega vem muito cansado, ainda tenta brincar com os meninos, mas nem sempre eles estão dipostos naquele momento a brincar. Mas é um pai babado, sem dúvida.”

24 - Como descreve os seus pais?

“O meus? Bem, eu sou a menina do papá, dou-me muito bem com a minha mãe, mas o meu irmão é que tem uma afinidade maior com ela. Sempre fui a rebelde, a maria rapaz e o meu irmão sempre foi muito mais protegido. O meu pai sempre quis um filho com carreira militar, neste caso fui eu que segui essa carreira e não o meu irmão, o que talvez tenha ajudado à relação que tenho com o meu pai.”

25 - Sentiu alguma mudança na relação com a sua mãe?

“Não, tudo normal, ela tem-me apoiado bastante com os bebés.”

26 - O que sente quando está com os seus filhos?

“Orgulho, realização, sei lá...são os meus amores, o melhor do mundo.”

27 - O que significa para si ser mãe de gémeos?

“O dobro do trabalho (sorri)”

28 - Quais são os seus desejos e medos, como mãe no futuro?

“Só quero fazer um bom trabalho e dar o melhor de mim aos meus filhos.”

29 - Como descreve os seus filhos?

“Como é obvio, são os mais lindos do mundos (sorri). Agora fora de brincadeira, não me posso queixar, são duas crianças muito calminhas, pouco choram, são muito pacientes.”

30 - Como descreve a relação entre eles?

“Não sei se consigo descrevê-la, não me parece que eles interajam muito, de vez enquanto olham um para o outro e sorriem, mas não reparo em mais nada, também ainda não tão na fase de brincar, não é?”

31 - Como descreve a relação deles consigo?

“Sorriem muito quando brinco com eles e ele palra muito...ela adere às minhas brincadeiras, mas é mais “snob” (sorri), não palra, apenas sorri. Quando me ausento é muito raro chorarem, mas quando estou e não lhes ligo, eles tentam chamar a minha atenção.”

32 - Como é a sua relação com o Victor e com a Beatriz?

“Brinco muito com os dois, mas ele normalmente reage mais à brincadeira, ela é muito sossegadinha e ele é todo espevitado. Mas no geral a relação é igual, tento dar a mesma atenção aos dois e brincar com eles da mesma forma.”

33 - Considera que não existem diferenças na relação?

“Sim, sim...”

34 - Pensa ter mais filhos?

“Agora não, temos os Victor e a Beatriz e ainda a filha do meu marido, é uma casa cheia já!”

ANEXO C

OBSERVAÇÃO	MESES	DATA PREVISTA DA OBSERVAÇÃO	HORA DA OBSERVAÇÃO	GRAVAÇÃO EM VIDEO
1ª	3 meses	02 – 05 – 2009	15H – 16H	Não
2ª	3 meses e 15 dias	17 – 05 – 2009	15H – 16H	Sim
3ª	4 meses	02 – 06 – 2009	19H – 20H	Sim
4ª	4 meses e 15 dias	17 – 06 – 2009	19H – 20H	Sim
5ª	5 meses	02 – 07 – 2009	19H – 19H30	Sim
6ª	5 meses e 15 dias	17 – 07 – 2009	19H – 19H30	Não
7ª	6 meses	02 – 08 – 2009	17H – 19H	Não
8ª	6 meses e 15 dias	17 – 08 – 2009	19H – 20H	Não
9ª	7 meses	02 – 09 – 2009	19H – 20H	Sim
10ª	8 meses	02 – 10 – 2009	19H – 20H	Sim
			Total : 10 H	

GRELHA DE OBSERVAÇÃO:

AQUISIÇÕES	1ª OBS.	2ª OBS.	3ª OBS.	4ª OBS.	5ª OBS.	6ª OBS.	7ª OBS.	8ª OBS.	9ª OBS.	10ª OBS.
LINGUAGEM	O Victor já demonstra algumas vocalizações	Só o V. demonstra algumas vocalizações	A Beatriz demonstra algumas vocalizações, mas só em “situações limite”	Presença de longos períodos de choro em ambos	Longo período de choro na B.	Primeiros esboços de sorriso por parte da B.	Esboços de sorriso em ambos	Mantém-se o comportamento	Sorrisos “dobrados” por parte da B.	Vocalizações constantes por parte do V. A B. só vocaliza perante um estímulo muito forte
MOTORAS	Rigidez do tonús muscular já muito presente na B.	Mantém-se o comportamento	Mantém-se o comportamento	Tonús muito contraído por parte da B.	Movimentos ainda muito descoordenados por parte do V. A B. já demonstra capacidade em agarrar objectos	Perante a presença de um brinquedo o V. assusta-se e fecha os olhos e a B. tenta agarrá-lo	Mantém-se o comportamento	Mantém-se o comportamento	A B. já se mantém muito tempo de barriga para baixo e tenta levantar-se apoiada nos membros superiores e inferiores. O V. apesar de	A B. já demonstra os primeiros esboços de um gatinhar

									se manter também algum tempo de barriga para baixo, suporta o seu peso na barriga, não se conseguindo levantar	
RELAÇÃO										
MATERNA	Existe uma maior interacção com o V.	A maior interacção com V. mantém-se, sendo que a interacção com B. quando ocorre é um pouco mais “crua”	Mantém-se o comportamento	Mantém-se o comportamento	Apesar da mãe tentar interagir mais com a B., esta parece só reagir através do olhar	Na ausência prolongada da mãe nenhum dos gémeos chora	Mãe reage bem perante a curiosidade dos estranhos sobre os bebés	Demonstra muita insegurança ao deixá-los na creche	Reacção às brincadeiras da mãe sorrindo	Mantém-se o comportamento
ENTRE ELES	Não demonstram interacção	Não demonstram interacção	Não demonstram interacção	Não demonstram interacção	O V. dá um pontapé à irmã e ela chora	Não demonstram interacção	Não demonstram interacção	Não demonstram interacção	Primeiros esboços de interacção	Primeira vez que se olham directamente,

					incomodada					parecendo quase conversar
OBSERVADOR	Não demonstram interação	Olham para a câmara	Mantém-se o comportamento	Mantém-se o comportamento	Mantém-se o comportamento	Grande interação da B. com o observador, procura a interação, sorri e dá sequência à brincadeira. O V. fica apreensivo e rapidamente perde o interesse	Olham, mas só a B. é que sorri	Mantém-se o comportamento	Olham para a câmara	V. olha para câmara, mas a B. procura o que está por detrás da câmara.